



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Alda Maria Carvalho Sampaio

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Atividades de animação de leitura no 1º ciclo

Contributo para + leitores

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico

Trabalho efetuado sob a orientação de

Doutora Gabriela Barbosa

junho de 2013

“Fiz o que fiz e fiz com paixão. Se a paixão estava errada paciência.

Não fiquei vendo a vida passar, sempre acompanhei o desfile”.

Mário Lago

Agradecimentos

Aproveito este momento para deixar um agradecimento especial a todos os que participaram e contribuíram para a realização deste estudo pois sem eles tal não teria sido possível.

Aos meus pais pelo carinho, dedicação, esforço, motivação e compreensão que sempre me dedicaram e que permitiram que eu pudesse concluir os meus estudos universitários e concluir o presente estudo. Sem eles nada disto teria sido possível.

Ao meu irmão pelo carinho, dedicação, ajuda e motivação que me proporcionou e que foram fundamentais para a realização deste estudo de investigação.

À minha orientadora, Doutora Gabriela Barbosa, pela forma como orientou o meu trabalho e pelo apoio e disponibilidade que sempre mostrou e que se tornaram imprescindíveis para a concretização deste projeto.

A todas as crianças intervenientes e participantes neste estudo, quer do pré-escolar quer do 1º ciclo, bem como os seus encarregados de educação que permitiram a participação dos seus educandos neste estudo e que geraram aprendizagens que se tornarão uteis na minha profissão.

À professora cooperante da turma do terceiro ano que permitiu e aceitou que eu realizasse o presente estudo.

A todos os professores que, de uma forma direta ou indireta, contribuíram para que este trabalho fosse possível de concretizar e pelas palavras de confiança que me foram dando ao longo do estágio.

Às amigas e colegas Carla Matos, Mariana Carmo e Vânia Esteves pelo apoio, amizade, motivação e espírito de ajuda em todos os momentos de desenvolvimento deste projeto, bem como em todo o meu percurso académico.

À minha amiga e parceira de estágio, Carla Cruz, pelos momentos de compreensão que dedicou para que este trabalho pudesse ser concretizado. Queria também deixar um agradecimento pela amizade e disponibilidade que dedicou e que foram importantes.

RESUMO

O presente estudo foi desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada II (PESII), em contexto de 1º ciclo do Ensino Básico, concretamente numa turma de 3º ano.

O trabalho de investigação foi desenvolvido na área de Português e intitula-se *Atividades de Animação da Leitura no 1º ciclo- contributo para + leitores*. Tendo-se verificado um reduzido interesse dos alunos em ler, realizou-se um estudo que teve como principais objetivos estimular os alunos para a leitura e promover hábitos e gosto por textos da literatura infantil. Para isso implementou-se um percurso constituído por atividades de animação da leitura.

No sentido de melhor descrever e compreender o modo de motivar nos estudantes hábitos e gosto pela leitura formularam-se as seguintes questões de investigação: I) De que modo se podem dar a conhecer obras literárias aos alunos; II) Que estratégias motivam os alunos para a leitura? e III) Como se podem fomentar hábitos de leitura nos alunos?

Optou-se por uma metodologia de investigação qualitativa de cariz descritivo e interpretativo, tendo-se acompanhado todos os alunos da turma. Como instrumentos de recolha de dados foram usadas observações, notas de campo, registos escritos das crianças, registos fotográficos e vídeo e inquérito por questionário.

A análise dos dados permitiu concluir que houve, por parte dos alunos, motivação e envolvimento nas atividades de animação da leitura propostas. Verificou-se, ainda, que os alunos passaram a estar mais interessados em ler, dedicando mais horas à leitura de livros de literatura infantil.

Palavras-chave: Leitura, hábitos de leitura; animação da leitura; literatura infantil

Abstract

This study was conducted in part of the Curricular Unit of Supervised Teaching Practice II (STP II), and was conducted in the Primary Education, more precisely in a 3rd grade class.

The research was developed in the area of Portuguese and is entitled Animation Activities of Reading in 1st cycle – contribution to + readers. Having been a reduced student interest in Reading, there was a study that had as main objective to encourage students and promote Reading habits and taste for texts of children's literature. For this we have implemented route consisting of animation activities of Reading.

In order to better describe and understand how to motivate the students interest in Reading habits and formulated the following research questions: I) how one can make known literary students; II) what strategies motivate students to Reading?; and III) how can encourage reading habits in students?

We opted for a methodology of qualitative research-oriented descriptive and interpretive, having followed all the students in the class. As instruments of data collection were used observations, field notes, written records of children, photographic and video records and questionnaire survey.

The analysis concluded that there was, on the part of students, motivation and engagement in reading activities animation proposals. It was found also that the students began to be more interested in reading, devoting more time to reading books of children's literature.

Key words: Reading; Reading Habits; Reading animation; Children's literature.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iv
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
ÍNDICE.....	viii
LISTA DE FIGURAS.....	x
LISTA DE TABELAS.....	xi
LISTA DE GRÁFICOS.....	xi
LISTA DE ABREVIATURAS.....	xii
LISTA DE ANEXOS.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PES II.....	2
Caracterização do Meio Local e Espaço Educativo.....	2
Caracterização do Grupo.....	4
CAPÍTULO II – SELEÇÃO CRITERIOSA E JUSTIFICADA DAS PLANIFICAÇÕES.....	8
CAPÍTULO III – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....	11
Orientação para o problema.....	11
Enquadramento teórico.....	15
Relevância Social da leitura.....	15
Papel da escola na formação de leitores.....	19
Leitura e transversalidade curricular.....	21
Mediação: o papel do professor.....	22
Leitura e educação literária.....	25
A leitura em contextos de aprendizagem.....	27
A animação da leitura.....	29

Percurso da Intervenção	32
Participantes	33
Instrumentos de recolha de dados	34
Observação.....	35
Notas de campo	36
Registos fotográficos e vídeo	36
Registos dos alunos	37
Inquérito por questionário.....	37
Operacionalização da intervenção	39
Análise de dados.....	42
<i>Apresentação, análise e interpretação dos dados</i>	43
Inquérito por questionário inicial.....	43
Atividade 1- “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”	50
Atividade 2- "Contos tradicionais"	53
Atividade 3- “A nossa história”	56
Atividade 4- "A Menina do Capuchinho vermelho do Século XXI"	57
Atividade 5- "Peddy paper das histórias"	64
Registo de Apreciação crítica das atividades desenvolvidas	67
<i>Conclusões</i>	73
<i>CAPÍTULO IV – REFLEXÃO GLOBAL DA PES I E DA PES II</i>	79
<i>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</i>	90
<i>ANEXOS</i>	95

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Elaboração das ilustrações do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”	53
<i>Figura 2.</i> Elaboração das ilustrações do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”	53
<i>Figura 3.</i> Identificação dos contos tradicionais pelas imagens dos mesmos.....	55
<i>Figura 4.</i> Alteração dos conjuntos das imagens.....	55
<i>Figura 5.</i> Construção dos fantoches.....	60
<i>Figura 6.</i> Construção dos fantoches.....	60
<i>Figura 7.</i> Construção do cenário.....	61
<i>Figura 8.</i> Construção do fantocheiro.....	61
<i>Figura 9.</i> Apresentação das dramatizações.....	64
<i>Figura 10.</i> Apresentação das dramatizações.....	64
<i>Figura 11.</i> Apresentação das dramatizações.....	64
<i>Figura 12.</i> Os alunos à procura dos enigmas e a responderem aos mesmos.....	67
<i>Figura 13.</i> Os alunos à procura dos enigmas e a responderem aos mesmos.....	67

LISTA DE TABELAS

<i>Tabela 1. Calendarização do estudo.....</i>	<i>41</i>
--	-----------

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1. Hábitos de leitura dos alunos.....</i>	<i>43</i>
<i>Gráfico 2. O que os alunos gostam de ler.....</i>	<i>44</i>
<i>Gráfico 3. Em que local os alunos costumam ler.....</i>	<i>45</i>
<i>Gráfico 4. Quem aconselha os alunos a ler.....</i>	<i>46</i>
<i>Gráfico 5. Número de horas semanais que os alunos dedicam à leitura de livros não escolares.....</i>	<i>46</i>
<i>Gráfico 6. Significado que os alunos atribuem à leitura.....</i>	<i>47</i>
<i>Gráfico 7. Nome do livro que os alunos mais gostaram de ler.....</i>	<i>48</i>
<i>Gráfico 8. Resposta dos alunos à questão se estão a ler algum livro no momento.....</i>	<i>48</i>
<i>Gráfico 9. Nome do livro que os alunos estão a ler no momento</i>	<i>49</i>
<i>Gráfico 10. Nome da atividade que os alunos gostariam de fazer após a leitura de um livro ou de uma história.....</i>	<i>49</i>
<i>Gráfico 11. Nome da atividade que os alunos gostariam de fazer após a leitura de um livro ou de uma história?.....</i>	<i>68</i>
<i>Gráfico 12. Quantas horas costumam dedicar, por semana, à leitura de livros não escolares?.....</i>	<i>70</i>
<i>Gráfico 13. Atividade(s) que os alunos mais gostaram de realizar.....</i>	<i>71</i>

LISTA DE ABREVIATURAS

ME – Ministério da Educação

PES I – Prática de Ensino Supervisionada I

PES II – Prática de Ensino Supervisionada II

PNL – Plano Nacional de Leitura

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PCT – Projeto Curricular de Turma

DGIDC - Direção Geral Inovação e de Desenvolvimento Curricular

LISTA DE ANEXOS

Anexo I. Pedido de autorização aos Encarregados de Educação

Anexo II. Planificação da semana de 22 de outubro de 2012

Anexo III. Planificação da semana de 14 de novembro de 2012

Anexo IV. Planificação da semana de 3 de dezembro de 2012

Anexo V. Teste piloto

Anexo VI. Inquérito por questionário

Anexo VII. Fotos das ilustrações do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”

Anexo VIII. Folha de registo do parágrafo da história

Anexo IX. Folha de registo da resposta da última questão do livro “A Menina do Capuchinho Vermelho no século XXI”

Anexo X. Regras do jogo “Peddy paper das histórias”

Anexo XI. Trechos da história “O pequeno Alfaiate”

Anexo XII. Folhas de registo dos trechos que os alunos criaram

Anexo XIII. Folha de apreciação global das atividades desenvolvidas

Introdução

O presente relatório inscreve-se na unidade curricular (UC) Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino de 1º Ciclo. Apresenta-se o trabalho desenvolvido ao longo da UC, com destaque especial e pormenorizado para o estudo de investigação: *Atividades de Animação da Leitura no 1º ciclo- contributo para + leitores*.

A descrição que se faz está estruturada por quatro capítulos. No primeiro capítulo expõe-se o enquadramento das PES II, revelando características do contexto educativo: meio local, instituição e turma.

No segundo capítulo é feita uma referência às planificações que foram desenvolvidas na PES II e que serviram como uma preparação para as atividades que viriam a ser desenvolvidas no estudo de investigação.

O terceiro capítulo, subdividido em quatro partes, descreve o projeto de investigação desenvolvido, expõe o tema, a sua relevância neste quadro e os objetivos de orientação. O primeiro subcapítulo desenvolve a revisão de literatura que enforma o estudo. No subcapítulo dois é apresentado o percurso da investigação, indicam-se as opções metodológicas, a caracterização dos participantes, os instrumentos de recolha de dados utilizados, a operacionalização da intervenção com uma calendarização detalhada de cada atividade bem como é apresentada uma análise dos dados, em que se menciona como foram recolhidos e analisados. No subcapítulo é feita a análise e interpretação dos dados recolhidos. Na parte final deste capítulo, são apresentadas as conclusões do estudo, indicando as reflexões mais pertinentes que retiramos e as limitações que este estudo teve.

No quarto e último capítulo é apresentada uma reflexão final, de cada ciclo de ensino pelo qual passei (Pré-escolar e 1º ciclo), em que são apresentados os aspetos positivos e menos positivos que cada uma das PES (PES I e PES II) e algumas considerações pertinentes sobre cada uma delas.

Capítulo I- Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

Descreve-se ao longo deste capítulo o contexto onde se realizou a PES II e onde ocorreu o estudo de investigação. Num primeiro momento caracteriza-se o meio onde se situa o Centro Escolar, dando destaque para o espaço educativo. Num momento seguinte, faz-se a caracterização da turma participante.

É pertinente referir que a informação apresentada neste capítulo foi fornecida pela professora cooperante da turma em questão, mais concretamente através da consulta do Plano Curricular de Turma (PCT).

Caraterização do Meio Local e Espaço Educativo

O Centro Escolar onde realizei a minha prática pedagógica está localizado numa freguesia do concelho de Viana do Castelo. A localidade contabiliza mais de 3500 habitantes, e a sua economia assenta essencialmente nos sectores da agricultura, do artesanato, do comércio e sem dúvida da indústria. Apesar de haver alguma população idosa, a população predominante nesta freguesia é jovem. A freguesia tem boas acessibilidades quer para automóveis quer para autocarros, tornando assim a freguesia próxima da cidade.

A instituição pertence ao Agrupamento de Escolas Pintor José de Brito. É um edifício recentemente construído (2009) e está dividido em dois pisos: rés-do-chão e piso inferior (-1). No rés-do-chão existem 2 salas de aula, para o segundo e terceiro ano, duas salas com funcionalidade indefinida, uma biblioteca, uma secretaria, uma sala de professores, um gabinete de primeiros socorros, uma cantina, instalações sanitárias separadas para alunos, professores e pessoas com dificuldades motoras e duas portas de acesso à área exterior.

Já o piso inferior tem quatro salas de aula, duas ocupadas com as turmas de primeiro e segundo ano, duas arrecadações, instalações sanitárias adequadas a populações especiais, um ginásio, dois balneários (masculino e feminino) e uma porta de acesso à área exterior.

É, assim, um edifício que se valoriza pelos espaços amplos, interiores e exteriores e por ter as facilidades necessárias a crianças/ pessoas com mobilidade reduzida, nomeadamente portas largas, plataforma de cadeira de rodas para fazer o acesso entre os dois pisos e suporte de apoio na casa de banho.

Já o piso inferior tem duas salas de aula para o primeiro e segundo ano, duas salas de aula vazias, uma arrecadação para guardar diversos materiais, uma arrecadação para as funcionárias (onde guardam os materiais de limpeza e bens pessoais), tem novamente instalações sanitárias diferentes para alunos, professores e pessoas com dificuldades motoras, um ginásio, dois balneários (masculino e feminino) e uma porta de acesso à área exterior.

Na sala do terceiro ano, onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada II, as mesas estão dispostas em U e existe apenas uma mesa no meio. Ao fundo da sala existe uma mesa pequena redonda, que tanto é utilizada pela professora cooperante como pelos alunos. Nela os alunos podem fazer as suas escritas criativas aplicando os conhecimentos apreendidos durante as aulas, daí que esta seja apelidada de “Cantinho da escrita”.

Dentro da sala, cada aluno tem um espaço reservado no armário grande que existe na mesma para guardarem as pastas individuais de arquivo com os trabalhos que realizam na sala de aula. Existe ainda uma cómoda com gavetas onde a professora guarda as cartolinas, pósteres e outros materiais. Na parte da frente da sala, existem duas mesas que estão alinhadas paralelamente às mesas dos alunos, onde está colocado o computador portátil e onde a professora tem os manuais que estão a ser trabalhados. Ainda à frente da sala, fica a secretária da professora que está voltada para todos os alunos. Na parede que fica situada atrás da secretária da professora, estão colocados o quadro branco e o quadro interativo e ainda um quadro de corticite que está destinado à área da matemática.

Esta sala e as restantes encontram-se equipadas com vários armários embutidos, sendo que na sua maioria são cacifos para os alunos guardarem os materiais e manuais que necessitam na escola. Todos estes cacifos foram pensados e construídos para estarem ao nível dos alunos, assim como o lavatório que está

incorporado nestes armários e que os alunos usam quer para lavar as mãos, quer para beber água.

As mesas dos alunos (feitas à proporção dos mesmos) têm por baixo do tampo principal uma prateleira que os mesmos usam para colocar os manuais, cadernos e outros materiais que não estão a utilizar no momento, deixando assim mais espaço livre em cima da mesa.

Toda a extensão da parede do fundo da sala é de cortiça e encontra-se com vários materiais afixados desde pósteres ilustrativos de vários assuntos, trabalhos elaborados pelos alunos e cartazes construídos pela turma para abordar variados temas como por exemplo o mapa de Portugal, friso cronológico com os aniversários dos alunos, entre outros.

Esta sala tem apenas uma janela mas esta ocupa toda a extensão (em altura e em comprimento) de uma parede que fica voltada para o recreio.

No espaço exterior, os alunos têm ao seu dispor um campo de basquetebol e um de futebol, bem como uma diversa extensão de espaços verdes, incluindo uma horta cultivada pelos professores, funcionários, alunos e pais/encarregados de educação.

Esta escola encontra-se equipada com alguns instrumentos multimédia como projetores, computadores portáteis e fixos, impressoras, entre outros; materiais de apoio às aulas como lápis, marcadores, capas, entre outros; materiais das aulas de expressão como tintas variadas, pinceis, colas diversas, entre outros e material das aulas de expressão físico-motora como bolas diversas, coletes, cones de diversos tamanhos, entre outros.

Caraterização do Grupo

A turma de alunos do terceiro ano onde desenvolvi a PES II é composta por dezassete alunos, entre os quais 9 são do sexo feminino e 8 são do sexo masculino. Todos estes têm idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos de idade.

Pertencem a famílias de nível socioeconómico médio. A maioria dos pais dos alunos desta turma têm idades compreendidas entre os 34 e os 46 anos de idade, sendo que 28 pais (mãe e pai) têm entre o 6º e 12º ano de escolaridade, 5 têm a

licenciatura e 2 têm o bacharelato. Dos 17 alunos, 13 têm apenas um irmão sendo que 4 não tem irmãos. No geral, são famílias pouco numerosas, compondo o agregado familiar o pai, a mãe e os filhos, excetuando os alunos que, por divórcio dos pais, vivem apenas com um progenitor.

Os alunos da turma são, em geral, empenhados, participativos e interessados nas várias tarefas propostas. Na maioria das sessões estão atentos aos conteúdos que estão a ser lecionados, gostam de ser desafiados e que os professores os ponham “à prova” para que sejam testadas as suas capacidades em encontrar pistas, informação oculta, detetar “erros” formulados propositadamente para o efeito).

A turma tem um aluno identificado com Necessidades Educativas Especiais (NEE), no que diz respeito ao nível da aprendizagem. Mesmo assim este aluno acompanhou em todas as atividades que foram propostas ao longo da Prática de Ensino Supervisionada II, participando ativamente e colocando espontaneamente as questões e dúvidas que teve. Foi conseguindo acompanhar os colegas quer em ritmos quer em níveis de aprendizagem de diferentes conteúdos.

Existem, ainda, cerca de quatro alunos que carecem de um trabalho mais individualizado por parte do professor, para que consigam acompanhar atempadamente a matéria e o ritmo da restante turma. Dois desses alunos têm um ritmo lento de aprendizagem e os outros dois alunos apenas integraram a turma este ano letivo pelo que apresentam muitas lacunas ao nível de conhecimentos prévios. Razão pela qual demoram mais tempo a perceber o que lhes é perguntado, seja em que área for. Em vários momentos foi necessário interromper o ritmo da aula, de forma a fazer uma “grande” revisão sobre matéria que já devia estar consolidada neste nível de escolaridade em que se encontram: 3ºano. Contudo, estes momentos não são “em vão”, pois a restante turma participa nestas explicações, demonstram e aplicam o seu conhecimento, de forma a ajudarem os seus novos colegas.

A nível de comportamentos e atitudes, os alunos manifestam afetos para com os colegas, bem como para a professora titular e para as professoras estagiárias. São um grupo de crianças coeso, simpático, trabalhador e participativo.

Esta é uma turma que trabalha bem em grupo desde que a atividade seja bem preparada e bem explicada pela professora estagiária. .

Estes trabalhos de grupo tornam-se bastante produtivos pois os resultados tendem a ser “criativos e cheios de brio”, tal como eles próprios o afirmam. É interessante verificar que existem alunos, de ritmos mais acelerados, que promovem e apelam à participação dos colegas mais inibidos, fazendo-lhes perguntas, de modo a proporcionar um “trabalho comum”, onde a opinião de todos é relevante para a concretização da tarefa.

Na área da Matemática todos os alunos têm um aproveitamento positivo na aquisição de conhecimentos. Tendo-se percebido durante o período de observação inicial que foi realizado no início da PES II, que os alunos apresentavam dificuldades na resolução de situações problemáticas, as nossas intervenções (da investigadora e o respetivo par de estágio) orientaram-se muito para este conteúdo de ensino. Os alunos com o passar do tempo conseguiram melhorar esta capacidade sendo capazes de expressar oralmente ou por escrito o seu raciocínio, bem como justificar as suas respostas.

Na área do Estudo do Meio os alunos manifestavam grande interesse e motivação para as atividades e para a aquisição dos conhecimentos deste campo. Uns mais, outros menos, todos conseguiam perceber rapidamente o que era pedido para fazerem ou explicarem, transmitindo uma grande atenção nos momentos de transmissão de conhecimentos.

Na área de Português, a turma demonstra ter diferentes níveis de aprendizagem e de resolução das tarefas propostas. Enquanto uns são mais rápidos a entender o que a professora estagiária está a transmitir, outros têm dificuldades na compreensão do oral, distraíndo-se mais facilmente. É, por isso, necessário que a professora estagiária dedique mais tempo a estes alunos para que estes acompanhem a aula e não fiquem atrasados relativamente aos colegas.

Também no domínio da leitura, no início da PES II, havia uma disparidade nos níveis de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos. Uma grande parte dos alunos ainda necessitava de seguir com o dedo o que estavam a ler, liam de uma forma silabada pelo que o seu nível de atenção e compreensão do texto era muito diminuto. No domínio da escrita, havia dificuldades diversas, desde lacunas a nível ortográfico até a nível da produção textual. Também ao nível da caligrafia foi necessário a

professora estagiária dedicar uma parte da sua intervenção em incentivar os alunos em questão para melhorarem a letra e escreverem com competência. As dificuldades apresentadas foram sendo ultrapassadas à medida que se implementavam estratégias focalizadas nessa correção e melhoria.

Capítulo II – Experiências de aprendizagem – Planificações

Este capítulo apresenta uma justificação das planificações que foram desenvolvidas no âmbito da PES II e que ajudaram a identificar e a definir a situação problema que foi estudada.

Nas primeiras semanas da UC PES II foi realizado um período de observação atento do contexto, onde me concentrei em diversos aspetos da prática educativa. Estive atenta às práticas da professora cooperante, modos e formas de agir pedagogicamente. Este período de observação serviu, também, para a professora estagiária analisar os seus alunos, observar as suas atitudes perante a aprendizagem, as suas capacidades, preferências e interesses, bem como as “necessidades” que este grupo apresentava. Tais observações tornaram-se muito úteis no processo de reflexão e decisão da área que este estudo iria incidir. Como refere Silva (2009), “(...) a observação é a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo” (p.25).

Após este período de observação e tendo em conta as diferentes áreas curriculares analisadas, a professora estagiária detetou que o domínio da leitura precisava de ser melhor desenvolvido com este grupo de crianças pelo que percebeu que seria importante focalizar-se neste domínio.

Como vem mencionado no Programa de Português (ME, 2009), “ o convívio frequente com textos literários adequados à faixa etária dos alunos assume uma importância fundamental neste ciclo, tal como a descoberta de diversas modalidades de texto, escritos e multimodais” (pág.22), esta argumentação reforçou a minha intenção na orientação para analisar e programar atividades que permitem aos alunos ter acesso a diferentes tipos de texto.

Para isso, planifiquei atividades lúdicas, para estimular os alunos a desenvolverem e a melhorarem as suas competências leitoras, bem como os seus hábitos de leitura. Esta relevância vem apresentada no Programa de Português do Ensino Básico (ME, 2009):

As diferentes experiências de leitura, com fins e em contextos diversificados, possibilitam o desenvolvimento da velocidade e da fluência imprescindíveis à sua

formação enquanto leitores, num trabalho diário com materiais de natureza e objetivos variados. (pág. 22 e 23)

Neste enquadramento, eu em conjunto com o meu par de estágio, tivemos em atenção, no momento de apresentar uma obra literária aos alunos ou de desenvolver algum trabalho sobre esta, de variar as atividades, materiais e técnicas apresentadas. Isto para que os alunos se sentissem motivados, interessados e participativos em desenvolver estas atividades e quisessem saber mais sobre a obra apresentada ou outras do mesmo autor.

Do conjunto de atividades desenvolvidas, antes das que foram implementadas referentes ao estudo, saliento as seguintes: uma atividade que foi implementada no dia 22 de outubro (anexo 2), outra no dia 14 de novembro (anexo 3) e ainda outra no dia 3 de dezembro (anexo 4).

Todas estas atividades tiveram o intuito de animar a leitura, usando para isso quer materiais, quer obras, quer técnicas diferentes, para “fugir” à tradicional estratégia de apenas ler o texto e fazer questões sobre o mesmo. É necessário que os professores, neste caso, optem por utilizar diferentes estratégias para animar, fomentar e incentivar hábitos de leitura, com o intuito de formar cidadãos leitores e não obter assim o efeito contrário, ou seja, o desinteresse dos alunos pela leitura.

A atividade do dia 22 de outubro pretendia que os alunos, através de um conjunto de imagens, as ordenassem pela sequência que estas vinham apresentadas na história e dessem continuidade à mesma, elaborando um final diferente da história que tinham ouvido anteriormente. No final cada grupo deveria ler a história que fizera à restante turma.

Relativamente à atividade do dia 14 de novembro, a professora estagiária dramatizou a história do livro “Ovos misteriosos”, de Luísa Ducla Soares, utilizando para o efeito um teatro de marionetas de vara.

A atividade do dia 3 de dezembro também consistiu na dramatização de uma história (Reis Magos), mas, neste caso, foi utilizada a técnica do teatro de sombras. No final da mesma os alunos tinham que recontar por escrito a história apresentada e depois lê-la à turma.

Com a realização destas atividades, a professora estagiária pôde aperceber-se que os alunos, aquando da apresentação das mesmas, estavam com a sua atenção focada quer na história quer nos materiais disponibilizados. Apesar de estas serem algumas técnicas que começam a fazer parte do quotidiano dos professores, a turma em questão ainda não tinha tido muito contacto com as mesmas. Nem sempre os professores têm a formação necessária e desejada para promoverem atividades, neste caso, de expressão dramática, para assim animarem as suas aulas, bem como o trabalho de análise de obras de literatura infantil.

Com a implementação destas estratégias de animação, a investigadora percebeu que este tipo de atividades despertou nos alunos um grande interesse, uma motivação e participação que tornaram as respetivas aulas dinâmicas e geradoras de conhecimento, desenvolvendo nos mesmos, predisposição para a leitura.

Devido a estas observações, a investigadora decidiu focalizar as suas propostas pedagógicas em estratégias de animação da leitura, como por exemplo, elaboração da ilustração de um livro ou construção de um texto partindo de imagens para depois o apresentarem em voz alta à turma ou até a construção dos materiais a serem utilizados numa peça de teatro de fantoches, sendo que os alunos seriam as personagens. Todas estas atividades foram desenvolvidas com o intuito de despertar nos alunos hábitos de leitura e gosto pela leitura.

Capítulo III – Projeto de Investigação

Orientação para o problema

O trabalho de investigação em questão foi realizado na Prática de Ensino Supervisionada II, na valência do 1º ciclo. O mesmo foi desenvolvido numa escola do 1º ciclo do concelho de Viana do Castelo, mais concretamente numa turma de 3º ano de escolaridade.

Este estudo teve como objetivo geral incentivar os alunos a desenvolverem hábitos e gosto pela leitura de obras de literatura infantil através da realização de estratégias de animação da leitura.

Este tema assume uma grande pertinência no primeiro ciclo, pois é nestes anos que os alunos interiorizam e desenvolvem a sua capacidade leitora. É nesta altura que os pais e professores devem incentivar os alunos para a prática da leitura, explicando a sua importância no dia-a-dia e na sua formação enquanto cidadãos do dia de amanhã. Deve também ser dado um especial enfoque à necessidade de os alunos compreenderem os suportes escritos que leem, movimentando o seu saber e os conhecimentos que tiram do mesmo.

É importante, no primeiro ciclo e desde cedo, que pais e professores desenvolvam nas crianças as suas competências leitoras bem como os seus hábitos de leitura.

Se os alunos não se sentirem motivados e não forem incentivados para a leitura, esta pode correr o risco de ficar afastada do seu quotidiano. Na sociedade do dia de hoje, a leitura é uma componente de extrema importância pois sem ela, qualquer um de nós fica como que, num mundo à parte daquilo que nos rodeia. Sem lermos e sem entendermos o que estamos a ler, não conseguimos ser bem-sucedidos e alcançar a eficácia no que estamos a fazer. Este torna-se um dos aspetos que confere uma preocupação aos professores. Muitos alunos, após lerem um texto, seja este de natureza que for, não conseguem compreender o que acabaram de ler, não conseguindo expor verbalmente, ou por escrito, a informação relevante que tiram daquele texto. Daí que a prática da leitura tenha uma relevância tão importante na sociedade. Tudo o que nos rodeia tem uma parte escrita ou gráfica que é necessário que cada um de nós consiga compreender e interpretar.

Os professores, nos primeiros anos de escolaridade, assumem um papel de destaque no que concerne ao desenvolvimento de hábitos de leitura nos alunos. As crianças para serem aliciadas ao trabalho que os professores querem desenvolver em sala de aula, podem e são mais “atraídas” para realizar as atividades se estas assumirem um caráter mais lúdico, mais engraçado, mais divertido, com materiais e técnicas que não costumam utilizar no dia-a-dia. Tal como vem mencionado no Programa de Português do Ensino Básico (ME, 2009) “(...) devem implementar-se ações de promoção da leitura e promover a vivência de experiências gratificantes com o objetivo de transformar os alunos em leitores autónomos e que gostam de ler. Para se ser leitor não basta saber ler: é preciso querer ler” (p.70). O mundo das atividades lúdicas desenvolve nas crianças uma atração, um “encantamento” que as motiva e desperta o seu interesse e participação, neste caso, para a leitura. Cabe assim ao professor arranjar estratégias que motivem os alunos a querer ler mais, quer seja em sala de aula, quer em casa ou noutro lugar.

Sobre este assunto, as Metas Curriculares do Primeiro Ciclo (ME, 2012) promovem uma linha condutora para os professores traçarem as suas estratégias de aula. Nestas vêm apresentados os conteúdos que devem ser ensinados aos alunos em cada ano de escolaridade, bem como os descritores de desempenho que permitem avaliar a consecução dos objetivos propostos, tornando assim o processo de ensino-aprendizagem mais eficaz. As Metas traçam os conteúdos que devem ser trabalhados e atingidos, em cada ano, desde o 1º ano de escolaridade até ao 9º ano. Ainda para orientar o trabalho dos professores, vem apresentado no referido documento, uma lista de obras e textos literários para serem trabalhados em cada ano, que os professores têm de usar para enriquecer as suas propostas de leitura de sala de aula e assim variar o género e qualidade das obras apresentadas aos alunos.

Por exemplo, no domínio referente à Educação Literária, respeitante ao 3º ano de escolaridade, destaco os objetivos que considero serem relevantes para a elaboração deste estudo. É mencionada a importância da leitura de textos diversos para enriquecer os conhecimentos dos alunos. A mesma é evidenciada no tópico “*Ler em termos pessoais*”, nomeadamente “Ler por iniciativa própria ou com orientação do professor textos diversos (...)” e no tópico “Ler para apreciar textos literários” mais

concretamente “ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e textos de tradição popular”. É importante que os professores “ofereçam” aos alunos textos/obras literárias de diferentes géneros literários. Se os professores adotarem esta estratégia na sua prática profissional, estarão a promover atividades com textos que vão ao encontro dos gostos e preferências dos alunos, bem como estão a enriquecer a bagagem cultural dos alunos sobre diversas obras. É neste sentido que se torna importante que os alunos leiam e oiçam ler obras literárias variadas, tal como consta nas Metas Curriculares de Português do 1º ciclo, definidas pelo Ministério de Educação (ME) em 2012 (pág. 24).

Devido ao facto de o domínio da leitura ser muito importante na nossa sociedade e de eu ter reparado que os alunos da turma com a qual trabalhei, não tinham grande conhecimento e informação sobre obras literárias apropriadas aos seus gostos e idade, optei por focalizar o meu estudo na promoção de estratégias de animação da leitura para promover hábitos de leitura nos mesmos.

Antes de dar início às atividades propostas deste relatório, constatei que, as obras literárias que os alunos liam nos seus tempos livres ou quando terminavam as tarefas mais cedo, muitas das vezes eram “pobres” quer em ilustração, quer na parte textual, não sendo as mais indicadas para a faixa etária em questão, visto que não desenvolviam nos alunos o desejo de querer ler mais e melhor. Estes apenas liam aqueles livros porque eram os que tinham trazido de casa ou da biblioteca, mas notava-se que não tinham tido da parte de nenhum adulto, nenhum tipo de esclarecimento ou sugestão na escolha do mesmo. Os pais muitas das vezes, por não terem grandes conhecimentos sobre a qualidade das obras literárias que podem oferecer aos filhos, compram e oferecem os livros que estão mais em “voga” no momento, ou porque estão a um preço mais baixo, deixando de parte, a qualidade textual e gráfica do mesmo.

Assim sendo, este projeto de investigação menciona algumas atividades que foram realizadas por mim, adotando quer o papel de professora estagiária, quer o de investigadora utilizando técnicas, materiais e obras literárias com as quais os alunos ainda não tinham tido grande contacto (especialmente as obras escolhidas) para assim despertar o interesse e motivação dos mesmos, estimulando hábitos de leitura.

No decorrer desta linha de pensamento, elaborei três questões de investigação para orientarem o meu projeto de investigação:

- ✓ De que modo se podem dar a conhecer obras literárias aos alunos?
- ✓ Que estratégias motivam os alunos para a leitura?
- ✓ Como se podem fomentar hábitos de leitura nos alunos?

Enquadramento teórico

Neste subcapítulo é feita a revisão da literatura sobre diversos aspetos relacionados com a leitura. Alguns destes aspetos são a relevância social da leitura, o papel da escola na formação de leitores, a leitura e transversalidade curricular, a mediação debatendo o papel do professor, a leitura e educação literária, a leitura em contextos de aprendizagem e a animação da leitura, apresentando algumas estratégias para o efeito.

Relevância social da leitura

Na sociedade dos dias de hoje, a leitura e a competência leitora assumem um papel muito importante. A prática da leitura assume-se como um instrumento fundamental para o exercício da cidadania e para a participação social de cada um de nós.

A competência da leitura deve ser desenvolvida e trabalhada desde cedo com as crianças. Quando não o é, este facto repercute-se pela vida fora dos alunos, trazendo mais prejuízos do que benefícios.

Na sociedade atual urge formar alunos/ cidadãos que sejam cultos, instruídos, curiosos e acima de tudo bons leitores. A leitura e o seu domínio permite a cada um de nós atingir níveis de conhecimento, que de outra maneira seria difícil.

A leitura torna-se um caminho de inúmeras possibilidades para que o leitor se descubra a si mesmo e ao mundo. Se as crianças desde cedo criarem o hábito e o gosto da leitura, “ conseguem adquirir com maior facilidade e mais rapidamente o desenvolvimento da criatividade, senso crítico, da autoconfiança e da facilidade de captar a dinâmica de todo o mundo que o cerca”(Torres, 2011, p. 1).

Através da leitura de literatura variada “as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação e outras. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais”(Gonzaga, 2011, p. 14).

É pois, necessário que pais, professores e escola façam a criança perceber que a leitura tem e terá sempre um papel importante, fundamental e indispensável para o seu desenvolvimento social, cognitivo e profissional.

Para desenvolver a leitura e por conseguinte os hábitos e gosto pela leitura é necessário que os alunos compreendam o que estão a ler. Tal como refere Silva e Soares (2010), “a maioria das crianças transita para o 2º ciclo sem ter adquirido competências básicas de leitura e de escrita”(p.1), tendo assim baixos níveis de literacia.

Sabino (2008) refere que “fazer uma boa leitura implica compreender o que se lê, refletir sobre o que se lê, confrontar as ideias explícitas ou implícitas no texto com as pré-existentes na própria mente, vislumbrando possíveis âmbitos de aplicação das ideias emergentes desta reflexão”(p.6). A leitura e a compreensão tornam-se “operações importantes no dia-a-dia do cidadão perfeitamente integrado na sociedade”(Martins e Sá, 2008, p.5).

Para Martins e Sá (2008),

Um bom desempenho em compreensão na leitura, além de elevar os níveis de literacia, conduzirá o país a um patamar socio-económico mais favorável para todos os cidadãos, dotando-os de competências fundamentais para fazerem face ao avanço tecnológico e para exercerem plenamente a sua cidadania (p.8).

Seguindo esta linha de pensamento, a promoção da leitura assume-se hoje em dia como uma preocupação de toda a sociedade, constituindo um grande objetivo a nível nacional. Para tal, uma das medidas que o Ministério da Educação, em articulação com o Ministério da Cultura e o Gabinete dos Assuntos Parlamentares, levou a cabo foi a criação do Plano Nacional de Leitura (PNL), lançado no início do ano 2006. Para Martins e Sá (2008), esta iniciativa procurou:

- promover a leitura, assumindo-a como fator de desenvolvimento individual e de progresso nacional
- criar um ambiente social favorável à leitura
- inventariar e valorizar práticas pedagógicas e outras catividades que estimulem o prazer de ler entre crianças, jovens e adultos

- criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para o desenvolvimento da leitura
- enriquecer as competências dos atores sociais, desenvolvendo a ação de professores e de mediadores de leitura, formais e informais
- consolidar e ampliar o papel da Rede de Bibliotecas Públicas e da Rede de Bibliotecas Escolares no desenvolvimento de hábitos de leitura
- atingir resultados gradualmente mais favoráveis em estudos nacionais e internacionais de avaliação de literacia. (p.7)

O PNL reforça a importância dada à Língua Portuguesa e à leitura pelo sistema educativo português. Destina-se a criar condições para que os estudantes (crianças e adultos) alcancem níveis de leitura aceitáveis na sociedade.

O PNL sublinha, ainda, a importância do papel da família na aquisição, pela criança, do gosto pela leitura e do treino continuado que esta exige (Sabino, 2008, p. 5). Neste entendimento a família adquire um papel muito importante pois compete-lhe fomentar o interesse e curiosidade dos seus educandos fornecendo-lhes um conjunto diversificado de textos literários que motivem e cativem os jovens para a leitura.

Existem crianças que provêm de meios mais desfavorecidos e carenciados que poderão não ter acesso a textos de literatura infantil, talvez porque em casa os pais ou outros familiares não dão ou não conhecem a importância de ler para e com as crianças ou até porque os pais não têm um nível de instrução que permita enriquecer culturalmente os seus filhos. Este é um trabalho que deve ser desenvolvido pela família em parceria com o que deve ser feito nas escolas. Estas duas valências (escola e família) devem complementar-se para que o trabalho que pretendem levar a cabo (fomentar hábitos e gosto pela leitura) atinga o sucesso. Assim a leitura assume “ uma importância vital como estratégia de melhoria do processo ensino-aprendizagem, contribuindo assim, para o desenvolvimento, nas crianças e jovens, de capacidades de análise crítica e de síntese” (Sabino, 2008, p. 2).

Por ser necessário que a sociedade dedique parte do seu trabalho ao desenvolvimento de hábitos e gosto pela leitura, o governo criou e pôs à disposição dos cidadãos e dos alunos diversas infraestruturas que permitem alcançar estes

objetivos. Falamos das bibliotecas municipais e das bibliotecas escolares. Tal como afirma Calisto (1996, citado por Balça, 2011),

A biblioteca escolar desempenha dois papéis. Em primeiro lugar, é o recurso de informação prioritário da escola, em segundo, é o local privilegiado para o desenvolvimento, nas crianças e nos jovens, de capacidades e de competências designadas por habilidades de informação, que consistem num conjunto de etapas de trabalho intelectual (...).

Deste modo, a biblioteca escolar terá a função formativa de desenvolver nos alunos hábitos de leitura e de estudo e também de competências no âmbito da informação e investigação. (p. 209)

Tanto umas como as outras têm à disposição de quem as consulta diversas obras e diversos textos literários que podem requisitar. Também é um objetivo destas bibliotecas desenvolver nas crianças e nos adultos, hábitos leitores com o intuito de os tornar cidadãos cultos e informados com o meio que os rodeia.

Hoje em dia, se as crianças viverem num ambiente familiar em que exista um interesse pela leitura, este facto poderá influenciar os hábitos e preferências das crianças pela mesma. As crianças tendem a imitar o que os adultos fazem e se a leitura for uma prática corrente, “se as crianças virem os pais a lerem e a discutirem o que leem; a procurarem informação através da consulta de material impresso (desde folhetos informativos e manuais de instruções ou enciclopédias); a receberem e produzirem mensagens (bilhetes, cartas, etc), as mesmas irão manifestar interesse e curiosidade pelos livros, e compreenderão a funcionalidade da leitura e da escrita,”(Martins, 1996, p.61). Segundo Gouveia (2009), “a criança aprende com a família quando esta lhe proporciona uma ambiente estimulante e motivador”(p.43). Por oposição a esta ideia, se os pais não se interessarem em motivar e promover atividades de leitura ou se pressionarem as crianças para que estas façam leituras “obrigadas” vai ser “natural que se instale nelas uma recusa em aprender” (Martins, 1994, p. 58). A leitura nunca deve ser um “processo forçado. Deve haver um interesse por parte da criança, para que esse processo seja prazeroso e não obrigatório” (Oliveira, 2008, p.3).

Uma das estratégias que os pais devem e podem usar, para promover hábitos e gosto pela leitura nas crianças é escolher obras de literatura que vão ao encontro dos gostos e preferências dos filhos. “Saber do que gostam e do que não gostam significa afinal compreendê-los melhor. Permite o diálogo, permite também orientar sem agressões” (Magalhães e Alçada, 1993, p.43).

Papel da escola na formação de leitores

A escola tem como principal papel instruir os alunos, desenvolvendo neles diversas capacidades como por exemplo formar cidadãos críticos e despertos para a sociedade, desenvolver as competências de leitura e de escrita, fundamentais para a sua vida, entre outras. Assim sendo, uma das principais ações ou objetivos que a escola deve ter é enriquecer as infraestruturas físicas disponíveis, como biblioteca e salas de aula, de obras de literatura que permitam aos alunos desenvolver e despertar as suas competências leitoras bem como o interesse, curiosidade e motivação em ler e analisar as mesmas. Para Sim-Sim e Ramalho (1993, citado por Balça, 2001, p. 214), “existe uma relação muito forte entre a dimensão da biblioteca da escola e o desempenho de leitura dos alunos. Assim, quanto maior é o número de livros existente na biblioteca da escola, mais elevado é o nível de desempenho de leitura dos alunos”.

Se as escolas tiverem a preocupação de formar cidadãos cultos e de desenvolver neles as competências fundamentais de leitura e de escrita, terão então o cuidado de disponibilizar aos alunos, na biblioteca da mesma, obras literárias que sejam de diversos géneros literários, para assim alargar a cultura geral dos mesmos e desenvolver nestes hábitos de leitura.

A escola pode, ainda, “ajudar a criar e sedimentar hábitos de leitura quer promovendo e explorando o livro, com temáticas adequadas e atrativas para as correspondentes faixas etárias, quer dinamizando atividades inovadoras e interessantes com livros na biblioteca escolar (...)” (Gonçalves, 2003, p.1).

A biblioteca escolar assume um papel muito importante por ser “(...) um local onde são disponibilizados aos leitores os recursos necessários à leitura, ao acesso, uso e produção da informação em vários suportes: analógico, eletrónico e digital” (Simões, 2012, p.1). Ali se pretende que os alunos sejam motivados a “descobrir e a alimentar o

prazer de ler e de se informarem, a criar hábitos regulares de leitura, ao mesmo tempo que desenvolvem competências como pesquisar, selecionar, analisar, utilizar e criticar documentos” (Simões, 2012,p.1).

Como apresenta Cerqueira (2010), um dos grandes objetivos da biblioteca escolar deve ser “aliar a leitura ao prazer de ler, desenvolvendo, de uma forma sistemática, atividades muito variadas, que levem à criação ou manutenção de hábitos de leitura e, simultaneamente, facilite e desenvolvam a competência leitora dos plenos e jovens leitores (...)” (p.1).

A escola, mais concretamente a biblioteca escolar assume um papel relevante na vida escolar dos alunos, a este propósito Sabino, (2008) refere que “se a leitura tiver um papel preponderante na vida escolar, é natural que tal informação passe para a casa e motive as famílias a desenvolverem elas próprias hábitos de leitura. Se a criança estiver fortemente motivada para a leitura, o seu entusiasmo terá visibilidade junto dos familiares” (p.9).

A biblioteca escolar deve promover atividades que cativem os alunos e os motivem a consultar e a requisitar livros, fazendo assim com que eles sintam prazer com a leitura em vez de se sentirem obrigados a ler (Magalhães e Alçada, 1993). Alguns exemplos de atividades que a biblioteca pode dinamizar são: publicitar o livro da semana ou do mês; atribuir prémios aos alunos que requisitaram mais livros ao longo do ano; elaboração de cartazes atrativos para visitarem a biblioteca; envolver os alunos na catalogação dos livros existentes na biblioteca; lançamento de um livro escrito por alunos e professores; dinamização de ações com a colaboração dos pais; visitas a jornais e tipografias; visitas a outras bibliotecas; promoção de concursos de escrita; encontro com escritores; clubes de leitura.

A biblioteca escolar deve então,

ser vista como um espaço fomentador da leitura literária, dando relevo a três aspetos importantes: a importância do acesso ao livro, o papel do ambiente e estratégias que propiciem a leitura, levando sempre em conta o leitor como protagonista dessa história, não só como recebedor, mas também como criador de cultura. (Debus, 2006, p.333)

A escola deve dar uma relevância acrescida “a atividades e projetos relacionados com a leitura, de forma que esta proporcione o bom desempenho de atividades futuras em todas as áreas de conhecimento” (Cardoso e Pelozo, 2007, p.6). O domínio da leitura e da escrita são fundamentais para que os alunos atinjam o sucesso em todas as áreas curriculares e não curriculares. Como já tínhamos visto anteriormente, se o aluno não dominar a leitura, não vai perceber nem compreender o que lhe é pedido, seja em que área for. O mesmo se passará na vida social e pessoal. Para ser um bom cidadão, crítico e justo, este deve dominar as competências básicas que regem a vida em sociedade.

Leitura e transversalidade curricular

Tal como menciona Couto (2006) é necessário “promover um clima escolar que promova a (inter) transdisciplinaridade, de forma a articular todos os saberes e a levar os alunos a encarar a escola não como um somatório de disciplinas autónomas e irremediavelmente estanques, mas como um espaço de crescimento harmonioso, articulado, estruturado e estruturante” (p. 251).

Querem com isto dizer que o domínio da leitura torna-se, hoje em dia, uma ferramenta fundamental para a vida em sociedade. Qualquer aluno para se fazer entender e para entender o que o rodeia deve dominar quer a leitura, quer a escrita. Se um aluno não percebe o que está a ler não vai poder escrever ou tecer algum juízo escrito acerca do conhecimento adquirido.

O domínio da leitura, por se assumir como uma ferramenta essencial para a formação do indivíduo, vem apresentado como uma competência geral que deve ser desenvolvida em vários programas das disciplinas do 1º ciclo. Por exemplo, tal como é mencionado no Programa de Matemática do Ensino Básico (ME-DGIDC, 2007), “a aprendizagem da matemática pressupõe que os alunos trabalhem de diferentes formas na sala de aula. (...) o aluno deve procurar ler, interpretar e resolver tarefas matemáticas sozinho, bem como ler, interpretar e redigir textos matemáticos” (pág.10).

É fundamental, para qualquer um de nós, dominarmos a leitura e a compreensão da mesma, pois é “de facto, um meio de apropriação e de construção de conhecimento nas diversas áreas do saber (...)” (Sim-Sim, 2002, p. 2).

Os alunos devem ser estimulados a ler, para que o hábito e o gosto pela leitura possam ser desenvolvidos, auxiliando o aluno na assimilação e compreensão em todas as disciplinas (Oliveira, 2008, p.3).

Hoje em dia, o papel da escola em relação à leitura alterou-se substancialmente. Até agora o domínio da leitura era unicamente da responsabilidade do professor e das aulas de português, mas hoje em dia, após uma reformulação de pensamentos e de formas de ver, assume-se que esta deve ser uma responsabilidade partilhada por todas as áreas do saber (Coutinho e Azevedo, 2007, p.40).

Mediação: o papel do professor

O professor assume um papel fulcral no desenvolvimento do gosto e dos hábitos leitores dos alunos.

“Nos primeiros anos de escolarização o discente precisa ser incentivado e instigado a ler, de modo que se torne um leitor autónomo e criativo” (Cardoso e Pelozo, 2007,p.1). Cabe então ao professor “proporcionar momentos de leitura significativa, incentivando a formação do individuo crítico e reflexivo” (Cardoso e Pelozo, 2007,p.1).

Para que o professor consiga cativar e motivar os seus alunos para a leitura da obra que pretende trabalhar, inicialmente, “deve conhecer a literatura juvenil, de modo a poder oferecer esses livros aos alunos e a poder encetar com eles um diálogo, no sentido verdadeiro do termo” (Gouveia, 2009, p. 64).

De seguida, ao escolher o livro que pretende trabalhar, o professor precisa ter em consideração os muitos interesses apresentados pelo seu público e ter em atenção as características do livro tais como ilustração, tema, linguagem do texto, se é apropriado para a faixa etária em questão, entre outros aspetos (Santos, Silva e Chiaro, s.d., p.4).

Outro aspeto que este deve ter em consideração é o género literário que apresenta ao seu público. Um professor deve prezar por variar os géneros literários

das obras que apresenta à turma pois assim estará a contribuir para o desenvolvimento social e cultural, bem como para o crescimento crítico, reflexivo e emotivo dos seus alunos. (Santos, Silva e Chiaro, s.d., p.6). Os géneros literários podem ser livros de aventuras, contos tradicionais, poesia, livros informativos, entre outros. Os alunos estarão assim também a desenvolver e a enriquecer os seus gostos pessoais sobre a leitura.

Outra estratégia que o professor pode usar com o intuito de captar a atenção e motivação dos alunos para o trabalho que pretende desenvolver ou para a obra que pretende analisar é “partilhar histórias pessoais da sua vida desenvolvendo assim uma relação de proximidade mais próxima com os alunos” (Silva, 2009). O professor desenvolverá assim, uma relação mais afetiva, mais próxima e estreita com os seus alunos, permitindo que estes “colaborem” mais facilmente nas atividades a desenvolver.

Uma outra estratégia que este deve ter em consideração em relação aos seus alunos é o “estilo de vida que levam, às culturas e ideologias. Este deve valorizar as opiniões e os gostos dos alunos de maneira a incentivar a sua participação na aula” (Oliveira, 2008, p.2). O professor mais facilmente atrai um aluno para a leitura, se a obra que for usada retratar de alguma forma o ambiente cultural em que este se insere (linguagem, expressões, costumes ou até tradições). Por ser um tema que atrai os alunos, estes sentir-se-ão mais concentrados, motivados e interessados por analisar a obra em questão.

É necessário que na sala de aula haja também um espaço reservado para ter obras literárias que os alunos possam consultar. Isto, poderíamos nós pensar que é a finalidade da biblioteca escolar e é de facto uma das suas funções, mas nem sempre as bibliotecas escolares estão abertas em tempo útil para os alunos, com alguém responsável que possa indicar um bom livro para o aluno ler. Daí que uma boa estratégia da parte do professor seria ter um leque de obras, por ele escolhido (ou sugeridos pelo PNL) para que o aluno na sala de aula os pudesse explorar desenvolvendo o gosto e o hábito pela leitura.

Os professores podem e devem ter como ponto de partida os conhecimentos que têm acerca dos gostos e preferências das leituras dos alunos e aplicá-los em sala

de aula. Tal facto poderá ajudar a motivação e concentração dos alunos em sala de aula bem como cativar os mesmos a lerem mais.

O professor pode e muito enriquecer a sua aula ou até tornar mais acessível a abordagem de um assunto novo se pegar em algo que seja próximo dos alunos e que os cativa para o que quer fazer. Por exemplo, os livros de aventura têm cativado quer crianças quer adolescentes ao longo dos tempos, talvez por terem todos os “ingredientes” para atraírem o público em questão: têm uma trama narrativa forte, ação, mistério, emoção, personagens bem delineadas e reconhecíveis em várias situações. Além disso têm a garantia de um final feliz (Magalhães e Alçada, 1993, pág.44). Tornam-se assim instrumentos que fazem fluir a imaginação e criar o prazer de ler nos alunos.

Num outro ponto de vista, um dos aspetos que pode levar ao desinteresse e desmotivação das crianças pela leitura diz respeito, precisamente, ao trabalho que os professores desenvolvem em sala de aula para trabalhar textos ou obras. Muitos professores ainda estão muito cingidos ao preenchimento de fichas de interpretação do texto, fazer resumos, reescrever, entre outras. Estas atividades, numa certa medida, devem ser aplicadas em contexto de sala de aula, pois é importante que os alunos façam um registo escrito da informação que leram ou ouviram ler, mas é óbvio que se os mesmos optarem por aplicar sempre as mesmas atividades para abordar textos, os alunos poderão manifestar desinteresse pelo trabalho que é pretendido que eles façam.

O professor deve assumir o papel de mediador da leitura servindo “como ponte ou enlace entre os livros e os primeiros leitores, propiciando e facilitando o diálogo entre ambos” (Cerrilho, 2006, p. 35). O professor assume assim o papel de primeiro recetor do texto, sendo que o segundo recetor é o leitor infantil.

O mediador deve facilitar ideias e caminhos para os leitores infantis realizarem as leituras e também ajudá-los a escolher as obras, visto que este público é composto por seres ainda em desenvolvimento (Cerrilho, 2006, p.36).

O professor que neste caso é o mediador deve ter em atenção as principais funções que estruturam o seu papel. Deve ajudar a criar e fomentar hábitos de leitura estáveis, deve ajudar a ler por prazer por oposição à leitura obrigatória, deve orientar

a leitura extra-escolar, deve auxiliar na seleção de leituras apropriadas ao público-alvo bem como os seus interesses e deve preparar, animar e avaliar estratégias de animação da leitura (Cerrilho, 2006, p.37).

Cabe ao professor a tarefa de variar, adaptar e aplicar diversas atividades que motivem os alunos a criar o gosto e o hábito de leitura e a sentirem-se interessados em participar nas atividades propostas. Assim estes irão associar as atividades como algo rotineiro e não como algo engraçado, divertido e prazeroso de fazer.

Leitura e educação literária

Tal como já foi referenciado anteriormente, a criança deve ter contato com géneros literários diversos, isso vai permitir que alargue o seu conhecimento, a sua cultura e se torne um dia um cidadão formado e atento aos diversos temas da atualidade.

As obras que quer os pais, quer os professores, quer a escola (biblioteca) apresentam aos alunos devem ser obras ricas. Quero com isto dizer que as suas ilustrações, o seu texto, a sua mensagem devem ser interessantes de maneira a desenvolver no leitor um interesse e motivação que o leve a analisar e ler outras obras, que desperte no leitor o “bichinho” da curiosidade que o leve a querer mais e melhor.

Se a criança desde cedo tiver acesso a diferentes obras literárias, apropriadas à sua idade, ser-lhe-á mais fácil de acompanhar a complexidade e o nível de exigência e concentração que as obras vão tendo, acompanhando o desenvolvimento (idade) da criança.

Assim sendo, as crianças desde cedo devem ser expostas a uma variedade literária que lhes permita fomentar e desenvolver hábitos de leitura. Se a criança desde cedo associar a leitura como uma prática corrente no seu quotidiano, terá assim mais possibilidades de desenvolver e enriquecer o seu léxico, o seu conhecimento cultural sobre diferentes obras literárias e temas, entre outros aspetos.

“É através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética. Por isso, os livros devem ser escolhidos segundo critérios de estética literária e plástica” (Silva, 1997, p. 70).

As crianças, frequentemente, através do livro aprendem a pensar, a olhar o mundo com um intuito crítico, a respeitar as diversas culturas, entre muitos outros aspetos. O livro tem assim a capacidade de enriquecer culturalmente quem o lê. A literatura infantil torna-se no caminho mais curto para desenvolver a imaginação das crianças, levando-as a fazer uma reflexão sobre o que leu, fomentando e enriquecendo a sua inteligência (Gomes, 2007). Estas sentem-se, na maioria das vezes, “atraídas” pela leitura que estão a fazer.

Os mediadores da leitura assumem um papel fundamental na formação do leitor pois podem e devem fornecer ao público leitor obras diversas que fomentem o desenvolvimento de hábitos de leitura e que enriqueçam a sua bagagem cultural.

Tal como defende Balça (2011), “a promoção de uma literacia e de uma cultura visuais são imprescindíveis na formação dos jovens leitores” (p.23). Nos dias atuais vivemos numa sociedade que valoriza tanto os textos escritos como os textos visuais com o intuito de desenvolver e promover um enriquecimento literário de quem lê. Balça (2011) refere que palavra e imagem se conjugam “cada vez mais para formar textos, literários ou não, cuja leitura exige o domínio destas competências literárias, permitindo ao leitor uma leitura atenta, crítica e não inocente do mundo que o rodeia” (p.24).

Cada vez mais os alunos devem ser motivados para lerem diversos textos de diversos géneros literários, a analisarem os diversos componentes que o constituem, a serem autocríticos e seletivos na escolha das obras literárias que leem pois assim vão estar a enriquecer o seu conhecimento literário e poderão transmiti-lo aos seus próximos.

A leitura, em comparação com o cinema ou o teatro ou com o rádio e a televisão, tem vantagens únicas.

Em vez de precisar escolher entre uma variedade limitada, posta à sua disposição por cortesia do patrocinador comercial, ou entre filmes disponíveis no momento, o leitor pode escolher entre os melhores escritos do presente e do passado. Lê onde quando mais lhe convém, no ritmo que mais lhe agrada, podendo retardar ou apressar a leitura, interrompe-la, reler ou parar para refletir a seu bel-prazer. (Souza, 2003,p. 1)

A leitura em contextos de aprendizagem

Segundo Bernardinelli e Carvalho (2011), “é na relação lúdica e prazerosa da criança com a obra literária que temos uma das possibilidades de formarmos o leitor”(p.1). Os professores, pais e escola (mediadores da leitura) devem desenvolver com os alunos atividades baseadas na literatura, nomeadamente lúdicas, pois estas podem e servem para estimular diversas competências como a criatividade e a imaginação, proporcionar a emergência de variados valores humanos como “justiça, paz e espírito solidário. Podem também e sobretudo estimular o seu amor pelos livros e pela leitura” (Coutinho e Azevedo, 2007,p.37).

Esta necessidade de aplicar e criar atividades de literatura, baseadas no lúdico, prende-se com a urgência de cativar e motivar as crianças para a leitura, desenvolvendo nelas hábitos de leitura, para fazer face aos níveis de iliteracia que a nossa sociedade apresenta. Hoje em dia vivemos numa era digital que entra em competição “em certo modo” com o papel que os professores estão a tentar desenvolver. Quer a televisão, quer os jogos eletrónicos ou as novas tecnologias provocam um fascínio imediato com o qual o exercício e prática da leitura dificilmente conseguem “competir”. Por isso, cabe aos educadores e até à escola fazerem face a esta prática, sugerindo e aplicando atividades variadas que vão ao encontro dos gostos e preferências dos alunos (Ribeiro e Castro, 2012, pág.81). Quanto mais as atividades propostas utilizarem os sentidos, mais atraída e cativada a criança se vai sentir para a análise da obra. Tal como diz Souza (2003) “na leitura, por meio dos sentidos, a criança é atraída pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro pode conter”(p.1). Ou seja, quando as atividades são lúdicas e dão uso aos sentidos, a criança sente-se fascinada pelos sentimentos e emoções que o livro lhe transmite. Ela é mais facilmente convencida a analisar uma obra quando o meio de a analisar e de a trabalhar é mais atrativo, mais divertido e mais engraçado, “fugindo” a métodos ditos mais tradicionais.

Algumas sugestões de atividades que os professores ou a escola poderiam fazer para promover hábitos de leitura seriam a realização de vistas de estudo por exemplo, aos locais de nascimento e crescimento de alguns autores; realização de feiras do livros, em parceria com algumas editoras de maneira a ter várias obras expostas na

mesma; criar na biblioteca escolar ou na sala de aula um espaço especial de leitura, um recanto que os alunos se sintam atraídos a sentar e a ler livros; visitar com os alunos bibliotecas públicas ou municipais, com o intuito de estes terem acesso a uma variedade maior de obras e um melhor conhecimento do seu funcionamento e das suas virtualidades, para verem exposições e participarem nas atividades culturais e lúdicas programadas na mesma; convidar autores e ilustradores para pequenos encontros com as crianças; promover encontros entre os diferentes níveis de escolaridade sobre uma obra em particular para discutirem ideias; os professores podiam utilizar um teatro de fantoches, podem organizar círculos de leitura na sala de aula para trabalharem diversas obras, podem ser os alunos a criar a ilustração de uma obra, tendo estes unicamente acesso à parte textual do livro, podem ser os alunos a criarem os adereços para apresentarem eles próprios uma dramatização de uma história à restante turma, podem enquanto turma ou em família criar uma história ou um livro de compilação de histórias, entre muitas outras sugestões.

Destas medidas enunciadas, as feiras do livro têm-se tornado uma iniciativa de grande sucesso no âmbito escolar. “É uma maneira privilegiada de proporcionar às crianças e jovens um contato direto com grande diversidade de obras.” (Magalhães e Alçada, 1993, p. 125). É necessário que os alunos tenham acesso a atividades diferentes para que o seu interesse e motivação vá sendo incentivado e estimulado.

Outro aspeto ainda pertinente que compete educadores fazerem é discutir “o que é a leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor, bem como, o ensino da literatura infantil como processo para o desenvolvimento do leitor crítico”(Souza, 2003, p.1). Os professores devem unir forças e encontrar objetivos e metas, bem como estratégias de promoção de hábitos de leitura. Pais e professores devem unir-se numa simbiose de esforços para alcançar os objetivos propostos. Na escola os alunos manifestam e empregam os conhecimentos que têm já adquiridos e que trazem de casa e vice-versa, também aplicam o que aprenderam na escola em casa.

Estas duas entidades devem, pois, proporcionar às crianças uma panóplia de atividades vastas e dentro do possível, o mais lúdicas possíveis, mais engraçadas e mais divertidas, pois está verificado que assim favorecem a “motivação e a

concentração daí decorrentes, promovem a autonomia e a auto-estima, para além de aumentar a responsabilidade individual e a solidariedade coletiva, num verdadeiro espírito de cidadania” (Rygolet, 2009, p. 192).

A animação da leitura

A motivação para a leitura assume um papel importante aquando da escolha das atividades que são propostas aos alunos para abordar uma obra literária. Uma das vias para concretizar a mesma é através de estratégias de animação de leitura. “É através do lúdico e dos vários recursos pedagógicos que podem ser utilizados para apresentar uma obra literária, que esse texto se tornará mais chamativo e significativo para a criança, havendo uma interação participativa entre as crianças e a obra literária, além de ocorrer a leitura prazer “ (Castro e Ribeiro, 2012, p.66).

Gonçalves (2003) sugere algumas ideias que os professores podem ter em conta no ato de implementarem atividades com o objetivo de animar a leitura, tais como: organização de sessões de contos. Estas iniciativas poderão ser muito interessantes se reunirem professores de diferentes disciplinas e alunos. Trata-se de uma reunião informal, em que os participantes, enquanto tomam chá, falam de um livro que leram ou que estão a ler. Claro que pode ser um livro sobre qualquer temática e não tem que ser um texto literário; Organização periódica da “caixa biblioteca”. Trata-se de uma caixa com cerca de uma dúzia de livros de tipos e temas muito diferentes entre si, que circulará com alguma periodicidade dentro da sala de aula, levada por um docente e tem como objetivo incentivar os alunos para a sua manipulação e posterior requisição; organizar o dia ou a hora do conto ou da poesia; dinamizar concursos de leitura de vários tipos de texto, por exemplo, trava-línguas, adivinhas, anedotas, poemas, textos narrativos; organizar oficinas de transformação de contos tradicionais, misturando personagens de vários contos, mudando o sexo dos personagens principais, alterando tempos e espaços, introduzindo um final diferente, entre outras.

Convém realçar o papel importante que os pais e os professores têm na sugestão e implementação das atividades de animação da leitura. Tal como já foi referido anteriormente, estes têm que arranjar estratégias e atividades que promovam

o interesse, motivação e curiosidade dos alunos, combatendo assim o desinteresse e desmotivação dos mesmos. Estes devem ser criativos e inovadores na escolha das atividades que vão implementar com os alunos. Às vezes nem é preciso pensar muito. Basta usar um material ou uma técnica que não é muito frequente usarem e conseguem assim captar a atenção e a predisposição dos alunos para realizarem a atividade.

Gomes (2007) também sugere algumas sugestões inovadoras que podem ser utilizadas para este fim:

- *Ao analisar e interpretar um texto em aula, procurar na medida do possível apresentar também o livro de onde é extraído, fornecendo breves indicações bibliográficas sobre o autor, explorando os aspetos paratextuais do livro e mostrando outras obras do escritor.*
- *Promover, no quotidiano escolar, momentos formais de apresentação/partilha/troca de ideias sobre livros por parte dos alunos, momentos esses organizados e orientados pelo professor.*
- *Proporcionar aos alunos, pelo menos uma vez por semana, momentos de leitura individual, recreativa e silenciosa de livros adequados à sua idade.*
- *Convidar autores e ilustradores para pequenos encontros com as crianças e os jovens. (p.12)*

É de notar que a ilustração assume um papel relevante na animação e na promoção da leitura, dependendo da finalidade e utilidade que lhe for dada. Caso sejam os alunos a produzir a ilustração de um livro que leram, esta atividade é de animação da leitura. Caso os alunos observem e analisem a ilustração presente num livro e que tem muitas cores e umas imagens atrativas, esta atividade já é considerada de motivação para a leitura. O leitor sente-se assim atraído para ler a história e quem sabe até consultar outras obras do autor para observar se as ilustrações são do mesmo ilustrador ou se variam de livro para livro.

A ilustração é como que o primeiro “contacto” (visual), o primeiro convite que a criança tem para explorar o livro. As ilustrações alimentam o imaginário das crianças e esta deve ser uma preocupação que tanto pais como professores devem ter na escolha

dos livros. Ou seja, devem fornecer às crianças obras que sejam ricas em boas ilustrações pois permitem que a criança idealize e antecipe o conteúdo do texto.

O facto de os alunos manipularem objetos, de criarem materiais e observarem técnicas diferentes de apresentação das obras, desperta neles um interesse, motivação e predisposição para o trabalho que é pretendido levar a cabo, bem como potencia o desenvolvimento de hábitos leitores.

Percurso da Investigação

O presente subcapítulo tem como finalidade fundamentar e apresentar as opções metodológicas, as questões que orientam este trabalho e descreverem-se as várias fases concretizadas nesta investigação: a planificação do estudo, o plano metodológico, os participantes, os instrumentos de recolha de dados. Por fim, apresenta-se a análise e interpretação dos dados.

É no primeiro ciclo que se torna fundamental que os alunos desenvolvam os seus hábitos de leitura. Os professores assumem, assim, o papel de mediadores da leitura, promovendo e incitando os alunos a lerem diversas obras literárias, de diferentes géneros literários, enriquecendo a sua bagagem cultural, desenvolvendo nestes o gosto e hábitos de leitura. Tal como vem mencionado no Programa de Português do Ensino Básico (2009), “ os alunos devem contactar com múltiplos textos em diferentes suportes e formatos, de diferentes tipos e com finalidades distintas (...)” (pág. 62). Esta mesma ideia vem apresentada nas Metas Curriculares de Português (ME, 2012), nomeadamente no domínio da *Educação Literária*, expressa no objetivo 24. “*Ler em termos pessoais*” e no descritor de desempenho 1. “ler, por iniciativa própria ou com orientação do professor, textos diversos (...)” (pág. 25).

Os professores e a escola podem “ ajudar a criar e sedimentar hábitos de leitura quer promovendo e explorando o livro, com temáticas adequadas e atrativas para as correspondentes faixas etárias, quer dinamizando atividades inovadoras e interessantes com livros (...)” (Gonçalves, 2007, pág.1). Os professores devem dinamizar nas suas aulas atividades lúdicas que despertem nos alunos um interesse e motivação para a leitura, promovendo obras literárias, materiais e técnicas que com os quais os alunos ainda não tenham tido grande contacto, de modo a despertar neles, uma predisposição para a leitura.

Neste quadro elegeu-se como objetivo geral para a intervenção a realizar, incentivar os alunos a desenvolver hábitos e gosto pela leitura de obras de literatura infantil através da promoção de estratégias de animação da leitura. No sentido de assegurar e conduzir o estudo desta intervenção didática, formularam-se três questões: I) De que modo se podem dar a conhecer obras literárias aos alunos?; II) Que

estratégias motivam os alunos para a leitura? e III) Como se podem fomentar hábitos de leitura nos alunos? As respostas a estas questões poderão trazer contributos didáticos para a leitura e educação literária dos alunos do 1º ciclo.

Como se trata de um estudo que pretende perceber de que forma se podem motivar os alunos para a leitura, pareceu-nos adequado recorrer a uma metodologia de natureza qualitativa, com uma matriz de análise descritiva e interpretativa.

Com efeito, o problema foi investigado no seu ambiente natural, a escola e a sala de aula, e aí foram perseguidos significados em função das reações sentidas e expressas pelos participantes do contexto (Denzim e Lincoln, 2000).

Fez-se uma abordagem que consideramos apropriada porque nos permitiu ir descrevendo o estudo à medida que se realizava, estabelecer relações entre as opções metodológicas e os indivíduos- alunos e ainda interpretar como tudo se ia efetivando, tendo como foco o ponto de vista dos alunos. Interessou-nos, assim, descrever os vários momentos de promoção de atividades de animação da leitura, bem como a adesão dos alunos às mesmas e os resultados obtidos com estas implementações.

Analisaram-se as estratégias de animação da leitura que foram utilizadas de modo a perceber se motivaram os alunos, nomeadamente se os mesmos ficaram mais despertados e implicados com a leitura, podendo assim, melhorar e desenvolver hábitos de literacia. Tanto o processo de implementação das atividades como as reações que resultaram das mesmas assumiram um importante papel de análise neste estudo.

Participantes

Esta investigação foi feita com uma turma do 3º ano de escolaridade do primeiro ciclo do Ensino Básico. Foi desenvolvida numa escola pertencente ao concelho de Viana do Castelo.

Compõem esta turma dezassete alunos. Têm idades compreendidas entre os 8 e os 9 anos, sendo 9 do sexo feminino e 8 do sexo masculino. Todos os alunos da turma participaram neste estudo.

A maioria dos alunos desta turma frequentou os dois anos de escolaridade anteriores na mesma instituição, excetuando dois alunos que foram transferidos este ano de outra escola.

São alunos, no geral, empenhados, participativos nas várias tarefas propostas, estão geralmente muito atentos ao conteúdo que está a ser lecionado e gostam de reparar em todos os pormenores. Gostam do desafio e que os professores os ponham “à prova” para que sejam testadas as suas capacidades em encontrar pistas, informação oculta, detetar “erros” formulados propositadamente para o efeito.

Existem cerca de cinco alunos que carecem de um trabalho mais individualizado por parte do professor, para que consigam acompanhar a matéria e o ritmo da restante turma. Dois desses alunos têm mesmo um baixo ritmo no processo de aprendizagem.

Um dos alunos desta turma possui Necessidades Educativas Especiais (NEE) e recebe por isso um apoio especializado, num horário determinado para o efeito. No entanto, nas aulas, consegue acompanhar os colegas, seguindo os ritmos de aprendizagem dos mesmos.

Ao longo das observações e das intervenções efetuadas, pude aperceber-me que este é um grupo muito coeso enquanto turma, no entanto tem ritmos e níveis de aprendizagens diversos. Em alguns casos os alunos que são mais desenvolvidos ou que acabam mais rápido as tarefas de sala de aula, têm a preocupação de tentar ajudar os colegas que ainda estão atrasados.

Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados é uma via importante para a concretização de um estudo de investigação. O investigador tem acesso a uma vasta informação que permite analisar a eficácia, a pertinência e os efeitos que as atividades que foram implementadas surtiram nos participantes bem como se os objetivos que foram delineados na fase inicial do trabalho foram alcançados ou não.

Com o intuito de dar resposta às questões de orientação para o problema em questão, foram utilizados diversos instrumentos metodológicos de recolha de dados,

tais como: observação participante, as notas de campo, os documentos fotográficos e de vídeo e as produções escritas dos alunos.

A observação participante foi realizada com a observação e contacto direto com os alunos, nomeadamente as atitudes e comportamentos das crianças nas atividades propostas pela professora/investigadora. Estas observações foram uma constante em toda a minha prática pedagógica e tornaram-se muito importantes para o desenvolvimento deste projeto.

Observação

O modelo de observação que foi adotado foi o de observação participante e enquanto investigadora assumi momentos de observação e de participação ativa com a implementação de atividades. Segundo Souza (2005), “a observação participante consiste no envolvimento pessoal do observador na vida da comunidade educacional que pretende estudar, como se fosse um dos seus elementos, observando a vida do grupo a partir do seu interior, como seu membro” (p. 113).

As observações estiveram sempre presentes em todo o tempo que estive naquele contexto educativo. Não foram só nas semanas iniciais dedicadas à observação do contexto que estas foram aplicadas. Mesmo nos momentos de implementação das atividades foi útil e imprescindível realizar momentos de observação para analisar e registar informação que posteriormente se pudesse analisar e interpretar. A maioria dos momentos observados decorreram aquando da realização das atividades, analisando a reação dos alunos, a sua predisposição para a realização da tarefa, a concretização da mesma, entre outros aspetos entendidos oportunos e relevantes.

Esta fase da observação é muito importante para o trabalho de um investigador, pois “permite o conhecimento direto de fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (Esteves, 2008, p.87). É fundamental que o investigador, neste caso, o professor, observe e analise os seus alunos no contexto em que estes se encontram inseridos para assim perceber as suas relações, os seus gostos, os seus níveis de aprendizagem, entre outros aspetos. Este terá assim os dados e

evidências necessárias para poder delinear os seus objetivos do estudo e poder traçar um plano de ação para dar resposta aos mesmos.

Notas de campo

As notas de campo assumem, também, um papel fundamental na recolha de dados, nomeadamente no momento que o investigador tem de analisar as informações recolhidas. Daí que o investigador deve recolher o máximo de evidências que conseguir e registá-las, para assim facilitar o processo de análise das mesmas e dar mais consistência à investigação. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), “as notas de campo dão uma descrição das pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades e conversas. (...) o investigador regista ideias, estratégias, reflexões e palpites”. As notas de campo tornam-se assim o “relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (p.150).

As notas de campo que foram recolhidas nesta investigação predem-se com os registos das sugestões de atividades que os alunos mencionaram que gostavam de realizar após a leitura de um livro; reações que estes tiveram aquando das implementações das atividades; comentários que teceram após a realização das mesmas, entre outras.

Registos fotográficos e de vídeo

Estes registos são mais uma vez importantes para o trabalho de um investigador. A sua análise permite retirar informações desde a postura e expressão facial dos alunos, reações que estes tiveram em relação à proposta de atividades que foram apresentadas, bem como o desenrolar das atividades. Quero com isto dizer que, tanto os registos fotográficos como os registos vídeo permitem captar os momentos do desenvolvimento das atividades, registando as fases em que os alunos construíram os materiais, leram a história em questão, quais as questões que colocaram no desenrolar da mesma, entre outros aspetos. Bogdan e Biklen (1994) referem que “as

fotografias dão-nos fortes dados descritivos, são muitas vezes utilizados para compreender o subjetivo e são frequentemente analisadas indutivamente” (p.183).

Com as fotografias e com os vídeos que foram efetuados, enquanto investigadora pude avaliar quer o desempenho dos alunos, bem como a minha prestação. Só na fase de analisar os dados é que nos apercebemos das frases que dizemos, o tom que utilizamos para o fazer, se fomos claros e objetivos na explicação do que queremos que os alunos façam, entre muitos outros aspetos relevantes. Esteves (2008) refere que “ as imagens registadas não pretendem ser trabalhos artísticos, apenas documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde, depois de convenientemente arquivadas, serem analisadas e reanalisadas, sempre que tal seja necessário e sem grande perda de tempo” (pág.91).

Registos dos alunos

Estes foram outro tipo de registos que foram utilizados neste estudo. Em cada uma das atividades que foram propostas, os alunos realizaram um registo, quer gráfico, quer escrito, de maneira a darem resposta aos objetivos propostos para cada uma delas. Também no final da realização de cada uma das atividades foi pedido aos alunos que deixassem um comentário escrito sobre a atividade que tinham estado a desenvolver. Se tinham gostado ou não, indicando o porquê para cada uma das situações.

Esta ferramenta torna-se útil para os professores e para os investigadores receberem um feedback sobre as suas intervenções. Esta foi uma ferramenta útil que permitiu à professora estagiária/investigadora reunir um conjunto vasto de informações para assim concretizar o estudo de investigação.

Inquérito por questionário

Antes mesmo de traçar o meu plano de ação e de planear as atividades que iria implementar considerei pertinente consultar os alunos sobre os seus hábitos de leitura

e os seus interesses no que diz respeito à realização de atividades sobre alguma leitura que tenham feito.

Hoinville e Jowell (1978) citados por Sousa (2009) mencionam que existem três requisitos necessários que devem ser tidos em conta no ato de planear um questionário. Inicialmente deve ser pensado o propósito do inquérito, de seguida deve ser definida a população ou o público-alvo a quem vai ser aplicado o mesmo e por fim os recursos disponíveis.

Na elaboração do inquérito comecei por definir o propósito do inquérito, ou seja, definir o objetivo da aplicação do mesmo. O objetivo geral que defini foi compreender os hábitos de leitura de cada um dos alunos e os seus interesses/preferências na realização de atividades relacionadas com a leitura. Formulei este objetivo pois considerei importante atender aos gostos dos alunos aquando da seleção de estratégias de animação da leitura. Razão pela qual decidi apresentar uma questão (a última apresentada no inquérito) que pedia que cada um deles escrevesse sugestões de atividades que gostariam de fazer após lerem um livro ou uma história.

Comecei por elaborar um teste piloto que foi entregue a alguns alunos de uma turma de terceiro ano mas de uma outra escola (Anexo 4) que não a que estava a ser utilizada para aplicar e desenvolver o meu estudo. Apliquei este teste piloto com o intuito de validar o questionário que eu aplicaria na turma do estudo, queria perceber se efetivamente as questões que eu apresentava no mesmo eram objetivas e claras e se os alunos respondiam sem grandes dificuldades ao mesmo. Após ter aplicado o teste piloto e de ter feito uma análise do mesmo senti necessidade de o reformular. Percebi que alguns itens não estavam suficientemente claros e por isso não tinham entendido o que era pedido em cada uma das questões apresentadas.

Assim sendo procedi a uma reformulação do inquérito por questionário (Anexo 5) e aplicando-o posteriormente aos alunos participantes deste estudo.

O inquérito que foi entregue a cada um dos alunos da turma de estudo permitia-me perceber e analisar o tempo que os alunos despendiam para a leitura de obras literárias, que hábitos de leitura é que tinham, o que mais gostavam de ler e que significado é que cada um deles atribuía à leitura. O inquérito foi aplicado a toda a

turma. Comecei por dizer-lhes que iria entregar um inquérito para eles responderem e que podiam dar a sua opinião em cada uma delas. Expliquei que este inquérito faria parte do meu trabalho e que por isso os alunos deviam respeitá-lo. Disse que tinham tempo para pensarem nas respostas e para as escreverem e que não adiantava que olhassem para o colega do lado pois eu pretendia ler as respostas de cada um. Considerei pertinente colocar estas questões no questionário pois ajudaram a direcionar a minha intervenção para algumas das sugestões que foram apresentadas. Esta deve ser umas das intencionalidades do professor, ou seja, cada docente, dentro do possível, deve orientar as atividades que desenvolve em sala de aula para ir ao encontro dos gostos e preferências dos alunos. Estes sentir-se-ão mais interessados e motivados em participar nas atividades se verificarem que o professor teve em atenção o que estes mais gostavam de fazer.

Operacionalização da intervenção

O presente estudo foi desenvolvido em três etapas/fases tal como vem apresentado na tabela 1.

Na primeira das três fases do estudo, que decorreu de outubro a novembro de 2012, procedeu-se à preparação do estudo. Quer isso dizer que, se identificou a situação problema do estudo, definiram-se os objetivos, formularam-se as estratégias de ação e procedeu-se a uma recolha bibliográfica sobre o tema.

O inquérito por questionário contribuiu para a investigadora conhecer hábitos de leitura dos alunos e retirar sugestões de atividades que mais atraíssem os alunos e desse modo ajudar a planear a sua intervenção. De seguida foram formuladas planeadas e calendarizadas as atividades que iriam ser desenvolvidas no estudo para dar resposta ao problema detetado no sentido de encontrar respostas às questões delineadas.

Foi também nesta fase que foram redigidas e entregues aos encarregados de educação as autorizações para os seus educandos participarem no estudo e para que fossem autorizadas as recolhas de registo fotográficos e de vídeo, respeitando sempre a confidencialidade do aluno.

Na segunda fase, que foi realizada entre os meses de dezembro e janeiro, foram implementadas as atividades, foi realizada a recolha de dados (registos fotográficos, vídeo e registos dos alunos) e foram registadas as notas de campo. Iniciou-se a análise dos dados recolhidos e continuou-se a pesquisa bibliográfica para a elaboração do enquadramento teórico.

Na última fase deste estudo, que decorreu nos meses de janeiro a março de 2013, continuou-se a recolha e a análise dos dados recolhidos. Foi entregue a cada aluno, uma folha para estes registarem por escrito a sua opinião sobre as atividades que foram desenvolvidas, bem como o tempo que despendiam (após a intervenção da investigadora) para a leitura de obras de literatura infantil. Procedeu-se à redação do trabalho de investigação relativo ao trabalho desenvolvido e realizou-se uma revisão final da literatura.

Tabela 1 . Calendarização do estudo

	Atividades	Objetivos	Calendarização
FASE I	Inquérito inicial	- Avaliar quais os hábitos de leitura dos alunos e que atividades gostariam de desenvolver após a leitura de um texto.	- 28 de novembro de 2012
FASE II Implementação das propostas pedagógicas	Atividade 1 – “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”	- Os alunos ilustram a parte do texto apresentada em cada página do livro, mostrando criatividade, imaginação e atenção aos pormenores.	- 12 de dezembro de 2012
	Atividade 2 – “Contos Tradicionais”	- Os alunos associam o elemento que selecionaram a um conto tradicional. Os alunos criam outra história com o conjunto de elementos dos contos baralhados que a professora disponibiliza.	- 9 de janeiro de 2013
	Atividade 3 – “A nossa história”	- Em cada dia, um aluno de cada vez leva para casa uma folha onde terá de criar um parágrafo para dar seguimento à história que o(s) colega(s) já escreveram e ilustrá-lo, mostrando criatividade e imaginação.	- Iniciou no dia 9 de janeiro de 2013
	Atividade 4 – “A menina do capuchinho vermelho do séc.XXI”	<ul style="list-style-type: none"> • 1ª Parte: os alunos dão continuidade à questão que é apresentada no final da história. De seguida, constroem os fantoches das personagens apresentadas na história. • 2ª parte: os alunos em conjunto com a professora criam o fantocheiro e decoram-no. • 3ª parte: os alunos, por grupos criam o guião da história para posteriormente a dramatizarem. • 4ª parte: os alunos dramatizam o guião da história que escreveram e usam como recursos os fantoches e o fantocheiro. Cada grupo elege um porta-voz para narrar a história elaborada. 	<ul style="list-style-type: none"> • 21 de janeiro de 2013 • 22 de janeiro de 2013 • 22 de janeiro de 2013 • 23 de janeiro de 2013
	Atividade 5 – “Peddy paper das histórias	- avaliar a criatividade dos alunos na criação dos trechos em falta da história original para posteriormente apresentarem à restante turma.	- 30 de janeiro de 2013
FASE III	Registo de apreciação crítica das atividades desenvolvidas	- Avaliar a mudança no número de horas disponibilizadas para a leitura e analisar a opinião dos alunos referente a cada atividade implementada.	- 31 de janeiro de 2013

Análise dos dados

A análise de dados permite “o trabalho com os dados, a sua organização, (...), síntese, (...), descoberta dos aspetos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 205).

Para que esta investigação fosse possível houve a necessidade de se utilizar o método de investigação qualitativa, utilizando para o efeito as estratégias de recolha de dados mencionados anteriormente.

O procedimento de análise utilizado para o tratamento dos dados recolhidos nos questionários foi o cálculo de respostas para cada uma das hipóteses contempladas nos itens. Os resultados da análise foram apresentados sob a forma de gráficos de barras e gráficos de setores.

Para o tratamento dos dados adquiridos na implementação das atividades do estudo de investigação comecei por fazer uma análise em bruto dos dados de cada atividade para em seguida, face aquilo que eram as questões de investigação, fazer uma seleção e interpretação mais focalizada naquilo que eram as reações e comportamentos dos alunos.

Apresentação, análise e Interpretação da intervenção

Ao longo deste subcapítulo apresentam-se as atividades desenvolvidas e que serviram de base para este estudo que, como foi referido, teve como orientação geral incentivar os alunos a desenvolver hábitos e gosto pela leitura de obras de literatura infantil.

Assim, apresentam-se as atividades desenvolvidas que contribuíram para o desenvolvimento do mesmo, o modo como foram exploradas e a interpretação que proporcionaram à investigadora face às questões traçadas para o estudo.

Fase I

Nesta fase foi aplicado um inquérito que teve como objetivo perceber quais os hábitos de leitura dos alunos bem como recolher as suas opiniões sobre que atividades gostam de desenvolver associadas à leitura de um texto.

Inquérito inicial

A primeira questão que foi apresentada no questionário foi “ Como são os teus hábitos de leitura?”. Com a análise dos dados da resposta dos alunos a esta questão (gráfico 1) pude perceber que a maioria dos alunos lê todos os dias, mas existem alunos que leem unicamente quando estão de férias e muitas vezes começam a ler os livros mas não os acabam.

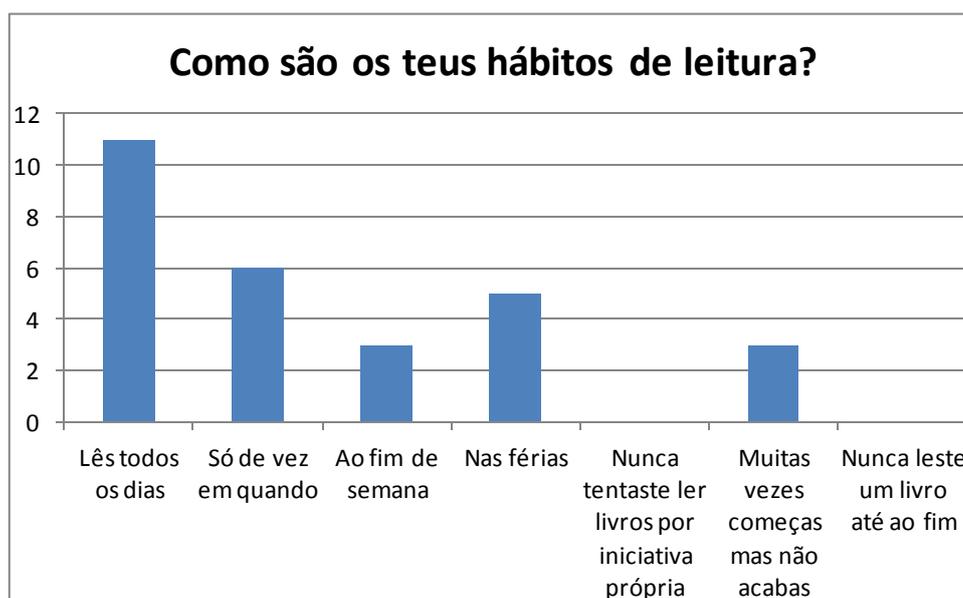


Gráfico 1: Hábitos de leitura dos alunos

Apenas 11 alunos manifestam que leem todos os dias. Como não era especificado que suporte de leitura eles liam, presume-se que estes liam vários suportes escritos tais como revistas, manuais da escola, livros de aventuras, entre outros. Fazendo um balanço geral é notório que existem alunos que leem apenas de vez em quando (talvez quando são incentivados por um adulto) e que começam a leitura de um livro e não o acabam. Este facto pode dever-se à falta de motivação que os alunos sentem perante a leitura que estão a fazer ou talvez por ninguém os incentivar a ler obras que sejam apropriadas à sua faixa etária e assim despertem o seu interesse.

Na segunda questão que foi colocada aos alunos no questionário, era perguntado o que é que eles gostavam de ler. Pela análise dos dados relativos a esta questão (gráfico 2) percebi que a maioria dos alunos preferia a leitura de livros de histórias, tendo como segunda preferência a leitura dos manuais da escola.



Gráfico 2: O que os alunos gostam de ler.

Esta preferência dos alunos pode dever-se ao facto de os alunos se sentirem mais motivados e interessados por histórias que envolvam diferentes personagens, decorram em cenários diferentes, tenham enredos interessantes, entre outros aspetos.

Na terceira questão apresentada era perguntado aos alunos em que local é que costumavam ler. Pela análise dos dados (Gráfico 3) é visível que a maioria dos alunos tanto leem na escola como em casa, sendo que uma pequena percentagem dos alunos

têm por hábito ler só em casa. Os alunos na escola realizam diversas tarefas que se relacionam, direta ou indiretamente com a leitura e por isso dedicam um período maior de tempo à leitura na escola, tendo logo como segunda preferência a leitura em casa. Também em casa os alunos dedicam algum do seu tempo para a leitura apesar de o fazerem menos vezes e menos tempo do que na escola. Talvez por passarem a grande maioria do seu tempo na escola e terem que estudar e aprender diversos temas, quando chegam a casa já não têm grande tempo nem motivação para a leitura por prazer por oposição a uma leitura por obrigação.

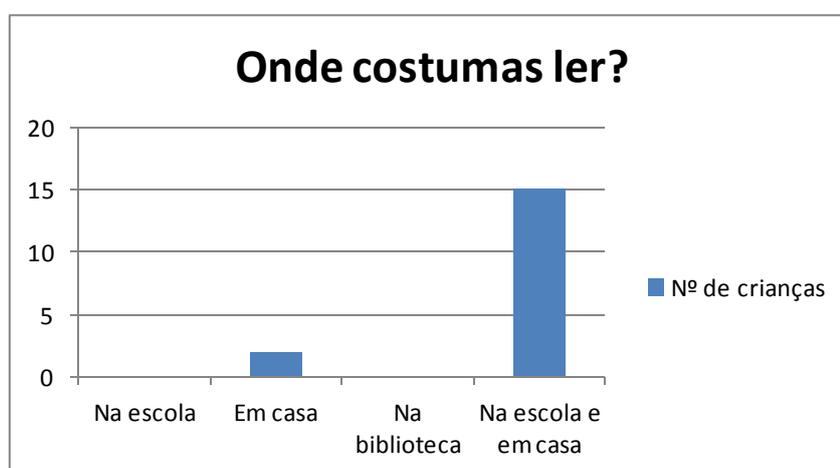


Gráfico 3: Em que local os alunos costumam ler.

Na quarta questão apresentada no questionário procurava-se saber quem é que aconselhava os alunos a ler os livros. Após a devida análise dos dados recolhidos é possível observar (Gráfico 4) que a maioria dos alunos são aconselhados pelos pais a lerem livros, ainda que os professores também tenham uma alta percentagem. Os pais e os professores são as entidades que passam mais tempo com os alunos e que acompanham o seu desenvolvimento pelo que são os mais indicados para sugerirem obras de literatura que cativem e motivem as crianças para a leitura.

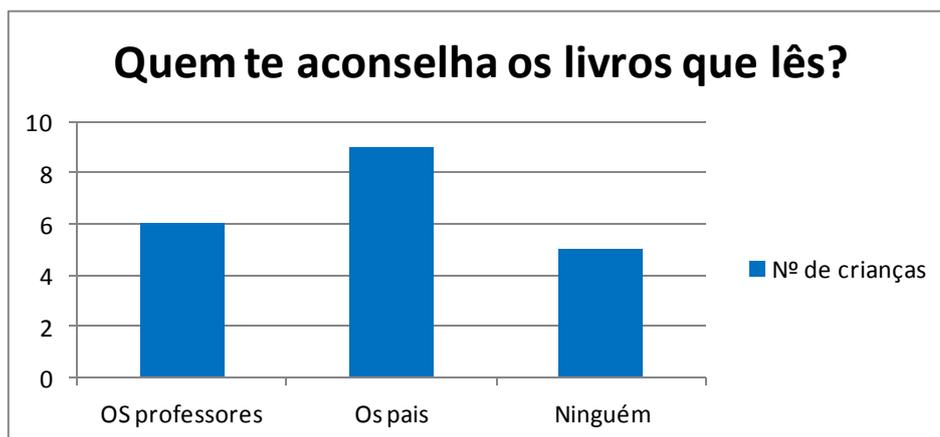


Gráfico 4: Quem aconselha os alunos a ler.

A quinta questão dizia respeito ao número de horas que os alunos costumam dedicar, por semana, à leitura de livros não escolares. Mediante a observação dos dados (Gráfico 5) pude constatar que a maioria dos alunos dedica apenas 1 a 2 horas por semana à leitura de livros não escolares e que a percentagem maior de alunos a seguir à anteriormente mencionada dedica menos de 1 hora semanal à leitura de livros não escolares.

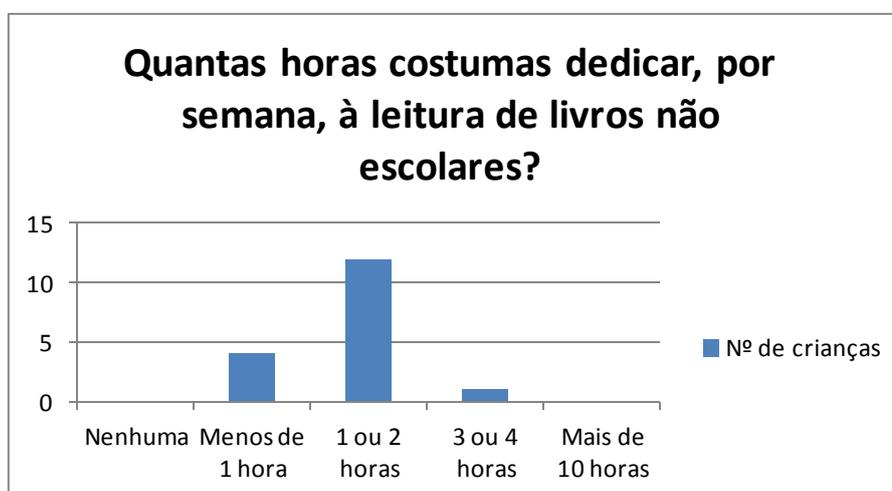


Gráfico 5: Número de horas semanais que os alunos dedicam à leitura de livros não escolares.

A sexta questão prendia-se com o significado que os alunos atribuíam à leitura. Se por um lado a viam como um prazer, ou uma forma de ampliar conhecimentos ou se por outro lado a viam como uma obrigação.

Pela observação e análise dos dados (Gráfico 6) pode observar que a maioria dos alunos considera a leitura como um prazer e logo a seguir como uma forma de ampliar conhecimento. Os alunos quando leem algo que seja do seu interesse e veem a mesma como um prazer, como algo que gostam de fazer, sentem-se motivados e “atraídos” para a leitura.

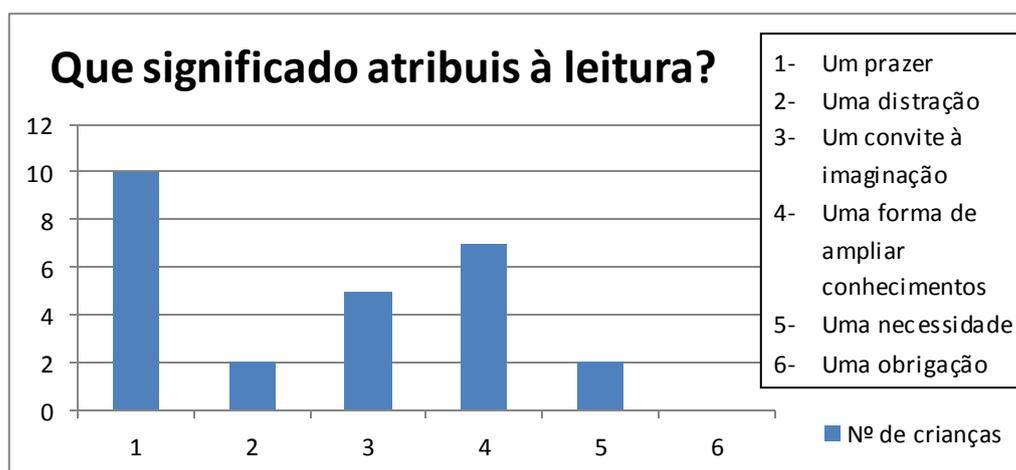


Gráfico 6: Significado que os alunos atribuem à leitura.

A sétima questão pretendia analisar os livros ou histórias que os alunos mais gostaram de ler, perguntando-se a esse propósito os títulos. Pela análise do gráfico 7 é possível observar que 3 alunos escolheram o livro “Dinossauros vivos” e 2 alunos manifestaram gostar do livro “A princesa Poppi”. Os restantes alunos sugeriram diversas obras que mais gostaram de ler, tais como “Uma aventura”, “Branca de neve”, entre outras. É interessante de observar e analisar que cada um dos alunos foi capaz de mencionar o nome de um livro ou de uma história que gostou de ler. Alguns deles mencionaram o livro que estavam a ler na ocasião mas isto indica que pelo menos todos eles já tinham lido ou estavam a ler algum livro de que tinham gostado.

Também é possível observar e analisar as preferências que os alunos têm na leitura. Alguns deles manifestaram gostar de contos ou livros de histórias com ação e um enredo que os atrai e desperta o seu interesse.



Gráfico 7: Nome do livro que os alunos mais gostaram de ler.

Relativamente à questão 8, pretendia-se saber se os alunos estavam a ler algum livro na data de aplicação deste questionário. Pela observação dos dados (Gráficos 8), pude constatar que 11 alunos estavam a ler um livro e que 6 não estavam a ler nenhum livro no momento.

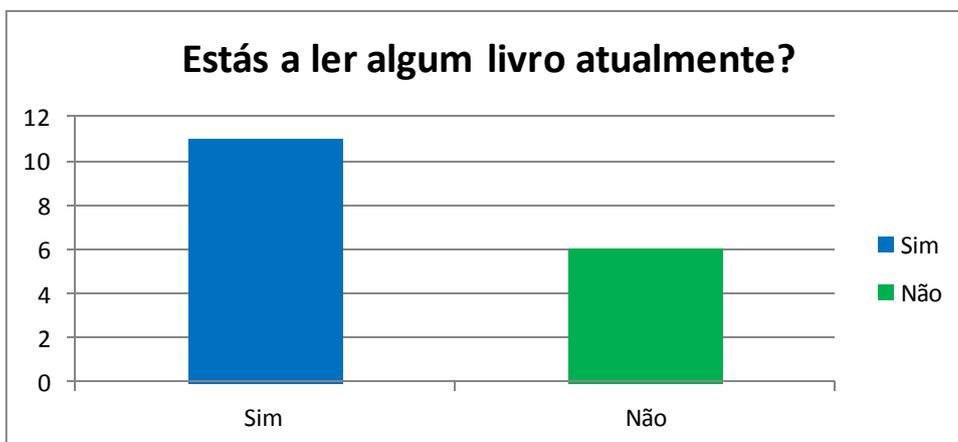


Gráfico 8: Resposta dos alunos à questão se estão a ler algum livro no momento.

Ainda em relação à questão se os alunos estavam a ler algum livro atualmente, aos que responderam afirmativamente era-lhes perguntado em seguida que obra é que estavam a ler no momento.

Consoante a análise e observação dos dados pude constatar que 3 alunos estavam a ler o livro “100 Histórias de (eu) a cantar”, 2 estavam a ler o livro “Uma aventura nos Açores” e outros 2 estavam a ler o livro “Histórias para adormecer”. As obras que os

restantes alunos estavam a ler eram “Phineas e Ferb estão no inverno”, “A Cinderela”, “Os cinco” e “Robin dos Bosques”.



Gráfico 9: Nome do livro que os alunos estão a ler no momento.

Para finalizar, a última questão do questionário prendia-se com o facto de dar oportunidade aos alunos de serem eles próprios a escolherem as atividades que queriam fazer para analisar e trabalhar os textos literários que viriam a ser usados. Após ter sido realizada uma análise detalhada dos dados verifiquei que 10 alunos gostariam de fazer um teatro, 7 alunos gostariam de reescrever a história, 3 alunos gostariam de escrever uma história partindo da original, 2 gostariam de pintar, 2 preferiam construir fantoches e 1 gostaria de realizar uma atividade em que a música estivesse presente.



Gráfico 10: Nome da atividade que os alunos gostariam de fazer após a leitura de um livro ou de uma história.

Este questionário foi útil para eu enquanto investigadora poder perceber e analisar algumas questões pertinentes para a concretização deste estudo. Pude analisar esta turma consoante os seus hábitos leitores (quantas horas dedicam, por semana, para a leitura), quem os incentiva a ler e quem lhes sugere obras para lerem, quais são as suas preferências e quais as atividades que gostariam de desenvolver após a leitura do livro.

Para idealizar quer as atividades, quer as obras literárias que iria aplicar neste estudo parti das opiniões que os alunos expressaram na realização deste questionário.

Algumas atividades foram ao encontro do que os alunos tinham mencionado na última questão do questionário, enquanto outras foram idealizadas para surpreender e cativar os alunos na realização das mesmas.

Fase II

Nesta fase foram desenvolvidas e concretizadas 5 atividades. Estas tinham como objetivo incentivar e cativar os alunos à leitura, despertando-os para a necessidade de criarem e terem hábitos e gosto pela leitura.

Atividade 1 – “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”

Esta atividade foi a primeira das propostas de atividades pedagógicas que foi implementada. Teve lugar no dia 12 de dezembro de 2012, mais concretamente na biblioteca da escola onde foi desenvolvido o projeto. Estava sequenciada e organizada com as restantes atividades da planificação da semana de 10 a 12 de dezembro (Anexo 6).

Como esta atividade só foi aplicada no dia 12 de dezembro (quarta-feira), nos restantes dias (segunda e terça-feira) foram aplicadas outras atividades sobre esta história mas que não faziam parte deste estudo. Estas serviram para os alunos se inteirarem quer das personagens, quer de alguns trechos da história original.

A atividade propriamente dita consistiu em eu apresentar aos alunos, na biblioteca da escola, o livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”, de Ana Saldanha. Escolhi este livro para realizar a atividade devido ao facto de vir apresentado um excerto desta história no manual dos alunos e de o mesmo ter sido analisado na semana em que a

presente atividade de investigação decorreu. A autora da obra é de renome, tendo lançado diversas obras de literatura infantil e juvenil como “Três semanas com a avó” e “Pico no dedo”, contos para jovens e recebido três prémios de distinção pelas suas obras. A qualidade da produção gráfica da obra também se tornou um fator decisivo para a escolha da mesma, visto que as mesmas eram atrativas e cativantes. A escolha deste livro teve também o intuito de enriquecer e alargar o conhecimento dos alunos sobre obras literárias. A autora apresenta:

O Pai Natal como uma figura emocionalmente fragilizada, porque ninguém se lembra dele, opção ficcional bastante inovadora. Nesta narrativa breve marcada por um humor subtil, assistimos à inserção de figuras muito familiares às crianças no mundo imaginário e ficcional onde habita o Pai Natal. Trata-se de um conjunto de personagens resgatadas ao universo literário dos contos maravilhosos e/ou tradicionais, que surgem todas juntas, em plena harmonia a conviver entre si e com o Pai Natal. Assim, depois do problema que o título do livro anuncia e que fará desencadear toda a ação, “entram em cena” o Capuchinho Vermelho, a Gata Borralheira, o João Ratão, a Bruxa da Casinha de Chocolate, a Raposa e o Lobo Mau, cada um deles trazendo um presente (que representa sempre um elemento sógnico distintivo de cada uma delas) para o Pai Natal. O desenlace desta narrativa, à qual não são alheios valores como a união, a harmonia, a solidariedade e a generosidade, é feliz.

O livro apresentado continha apenas a parte textual, deixando de parte, propositadamente as ilustrações.

Uma das preocupações que tive, de maneira a cativar os alunos para a atividade, foi apresentar esta história usando para o efeito um formato de livro diferente. Para isso recorri a folhas de cartolina de tamanho A3 de cores variadas, lápis, borracha, marcador preto, películas de plastificar e máquina de plastificar.

Na primeira folha (capa) estava apresentado apenas o título. Nas restantes folhas constava a parte textual do livro. Comecei a atividade lendo a história integral aos alunos para que estes ficassem com acesso a todo o texto. Após ter lido a história e os alunos

terem feito os seus comentários (se tinham gostado do final da história, se conheciam todas as personagens, o que tinham achado das ações das personagens, entre outros), expliquei em que consistiria a atividade que eles iriam fazer de seguida.

Para isso lancei um desafio à turma que consistia em fazer a ilustração da história do livro apresentado. Cada aluno ficou responsável por ilustrar uma página do livro.

Esta atividade tinha como objetivo os alunos lerem e interpretarem o trecho da história que estava presente nas respetivas folhas e representar os acontecimentos, personagens ou ações mais importantes através da ilustração, e neste sentido desenvolver a compreensão leitora.

Após eu ter explicado aos alunos o que é que eles teriam de fazer, ou seja, criar a ilustração das páginas do livro, estes mostraram-se logo muito eufóricos e entusiasmados e já estavam a pensar nos materiais que iriam utilizar:

Aluno A - Oh Alda, que materiais é que podemos utilizar?

Professora Estagiária - Os que vocês quiserem. Mas primeiro é melhor fazerem com lápis de pau porque assim se se enganarem é mais fácil para apagarem.

Aluno A - Fixe. Eu gosto muito de desenhar coisas das histórias.

Professora Estagiária – Ainda bem.

No decorrer da atividade, notei que as crianças estavam motivadas e interessadas no que estavam a fazer, como se pode observar nas imagens um e dois. Numa fase inicial notou-se um silêncio na biblioteca devido ao facto de os alunos estarem concentrados na leitura que estavam a fazer. Depois então já trocavam opiniões com os colegas sobre os elementos que tinham no texto, sobre o que iam desenhar, entre outros.

No final de cada um ter ilustrado a sua folha, à vez e por ordem de aparecimento dos acontecimentos na história, cada aluno teve a oportunidade de apresentar o seu trabalho à turma explicando o que desenharam e de que maneira se relacionava com o texto apresentado.

Posteriormente este livro ficou exposto na biblioteca da escola para quem o quisesse consultar. Assim, esta era mais uma obra que iria enriquecer o leque de livros que esta biblioteca tem a oferecer aos seus alunos.

Considero que esta foi uma atividade pertinente e que os alunos ludicamente conseguiram interessar-se e motivar-se para o desenvolvimento da mesma. Os alunos gostaram de expor os seus trabalhos à turma e de os descrever.

Assim sendo penso que os alunos gostaram de realizar esta atividade até porque na restante semana alguns alunos trouxeram mais livros para a sala e partilharam a leitura com os colegas e comentavam aspetos que tinham feito nesta atividade, bem como os desenhos que tinham efetuado.

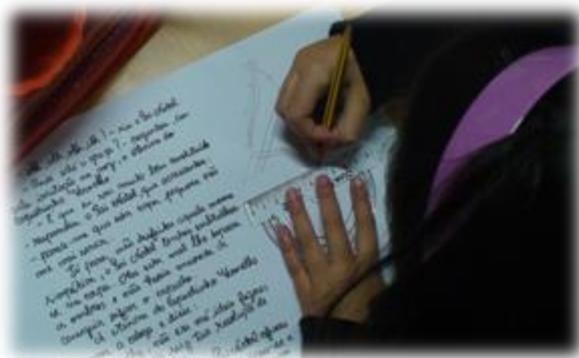


Imagem 1: *Elaboração das ilustrações do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”*



Imagem 2: *Elaboração das ilustrações do livro “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”*

Atividade 2 – “Contos Tradicionais”

A presente atividade foi desenvolvida no dia 9 de janeiro de 2013. Pretendia-se fazer a ativação dos conhecimentos dos alunos sobre os contos tradicionais.

Projetei no quadro interativo diferentes imagens de elementos dos contos tradicionais tais como a maçã envenenada, o relógio a marcar as doze badaladas, a casa de chocolate, sete camas, o espelho, entre outras. A cada aluno foi dada a oportunidade de identificar a imagem e associá-la a um conto tradicional (imagem 3).

A atividade começou pela projeção no quadro interativo das imagens dos elementos dos diversos contos tradicionais.

À medida que cada aluno ia identificando o conto a que pertencia cada imagem eu afixava no quadro a mesma. Consoante os alunos iam fazendo a identificação dos contos

eu ia perguntado em que local é que eu devia colocar as imagens para assim fazer uma categorização das mesmas pelos diferentes contos tradicionais apresentados.

As imagens que foram utilizadas pertenciam aos contos tradicionais da Branca de Neve e os Sete Anões, Gata Borralheira/Cinderela, Capuchinho Vermelho e a Casinha de Chocolate / Hansel e Gretel.

Após os alunos terem feito os conjuntos consoante a ligação das imagens ao conto tradicional a que pertenciam, eu questionei-os sobre os contos que achavam que estavam presentes ou que eram referentes a cada uma das imagens. À medida que os contos eram mencionados eu escrevi no quadro branco o nome por cima de cada um dos conjuntos formados (imagem 4).

De seguida dividi a turma em 4 grupos e cada grupo ficou com um conjunto de objetos. Então decidi trocar entre os 4 grupos, os objetos pertencentes a cada um para que cada grupo ficasse com uma imagem de cada conto tradicional que tínhamos falado.

Os grupos de imagens que ficaram foram:

Grupo 1: Maçã Vermelha, Floresta, Forno, Relógio.

Grupo 2: Sete camas, Casa, Casa de chocolate, Sapato de Cristal.

Grupo 3: Espelho Mágico, Jaula, Cesta, Carruagem.

Grupo 4: Agulha, Capa Vermelha, Doces, Abóbora.

Os alunos após terem verificado o que eu tinha feito ficaram muito admirados e surpreendidos mas estavam curiosos por saber o que é que teriam de fazer com aquelas imagens. Eu expliquei que cada grupo teria de olhar para os 4 elementos que estavam no conjunto que lhes pertencia (depois de ter sido baralhado) e teria de criar uma história em que estes quatro objetos entrassem (imagem 4).

Quando eu expliquei a atividade aos alunos, alguns mostraram-se um pouco retraídos enquanto outros se apressaram logo a ir buscar as sebatas para começarem a escrever as ideias. Apesar deste facto, após eu ter circulado pelo lugar de cada um e ter dado uma pequena ajuda inicial a alguns alunos, depressa percebi que eles eram capazes de o fazer sozinhos e estavam muito criativos na sugestão e escrita das ideias que expunham.

Apesar de os alunos estarem divididos em grupos, para ser mais prático de distribuir os conjuntos das imagens, o trabalho foi desenvolvido individualmente para que cada um elaborasse a sua história e mostrasse a sua criatividade e imaginação. A história que cada um dos alunos criou foi apelidada de “O meu conto”, visto ser um texto da autoria de cada um deles.

Após os alunos terem elaborado as suas histórias, cada um teve oportunidade de apresentar na frente da sala o seu trabalho à restante turma. Cada um deles estava visivelmente contente no momento de apresentar e ler o texto que tinham elaborado aos restantes colegas que estavam calmos e com atenção ao trabalho dos colegas.

Fazendo um balanço desta atividade percebi que uns alunos se empenham mais em atividades deste género do que outros que são mais despreocupados. Existem textos que mostram que os alunos despenderam tempo em articular as ideias, em inventar peripécias, enquanto outros fizeram textos menos ricos. No geral surgiram textos muito interessantes. Considero que os alunos não tiveram muitas dificuldades em realizar esta atividade pois os contos tradicionais que foram utilizados eram conhecidos dos alunos pelo que a concretização desta atividade estava de certo modo facilitada para os alunos.

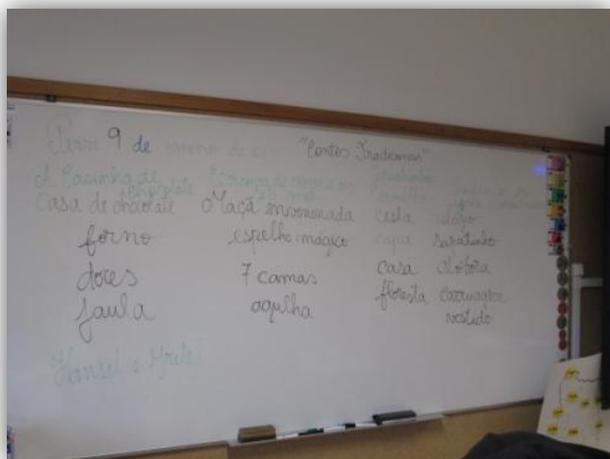


Imagem 3: identificação dos contos tradicionais pelas imagens dos mesmos.

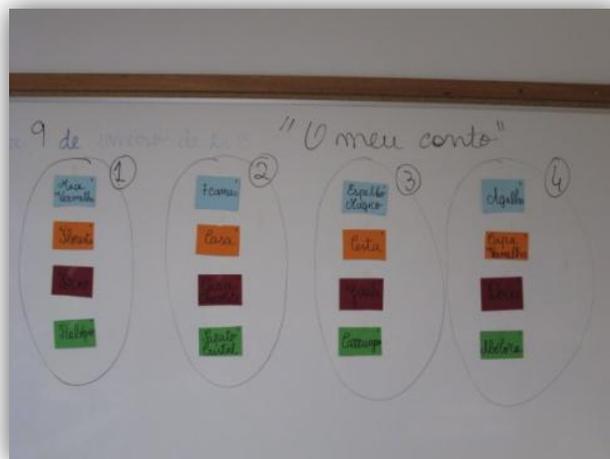


Imagem 4: Alteração dos conjuntos de imagens.

Atividade 3 – “A nossa história”

Nesta atividade, que teve início no dia 9 de janeiro foi pedido aos alunos que, enquanto turma criassem uma história sobre o tema que eles quisessem. Em vez de os alunos partirem de imagens para criarem uma história, desta vez teriam de criar um parágrafo de uma história e posteriormente ilustrá-lo.

O primeiro aluno que deu início à história levou para casa uma folha (Anexo 8), em que escreveu um parágrafo sobre um tema que quis e ilustrou-o.

No dia seguinte trouxe a folha para a sala de aula e foi a vez de outro aluno levar a folha para casa para dar continuidade à história que o colega tinha iniciado.

À medida que os alunos iam trazendo as folhas com a história que escreviam dia-a-dia, eu corrigia-a na sala de aula para que nenhum aluno levasse a história com erros para lhe dar continuidade. Inicialmente tinha planeado acrescentar peripécias ou personagens à história de maneira a que os alunos criassem parágrafos da história interessantes e criativos mas tal não foi necessário pois os alunos criaram um enredo bastante interessante, que culminou numa história diferente mas criativa.

Depois de todos terem tido a oportunidade de levar as folhas da história para casa e de lhe terem dado continuidade, na sala de aula entreguei a cada um a folha em que tinham escrito o seu parágrafo da história para que cada um pudesse ler o que tinha escrito à restante turma e todos pudessem por um lado ouvir o que os colegas tinham escrito e por outro pudessem ler o seu parágrafo no momento certo. Reparei que todos estavam divertidos e entusiasmados em ver e ouvir o parágrafo que cada um deles tinha feito. No entanto, no final da atividade perguntei à turma se todos tinham gostado de realizar aquela atividade e a maioria dos alunos disseram que sim, que tinha sido engraçado e que se tinham divertido a fazê-la até porque pediam ajuda e a opinião dos pais para a fazer. Apenas um aluno me disse que não tinha gostado muito de fazer esta atividade porque não gostava de escrever. Apesar desta opinião, o mesmo referiu que gostou de ouvir a história que todos tinham criado mas que ele próprio não tinha tido muita criatividade no momento de escrever o seu parágrafo.

Resolvi implementar esta atividade com estas duas características, quer a parte escrita quer a parte da ilustração, porque tinha observado que os alunos gostavam de

ilustrar histórias. Optei por cada um deles deixar um registo escrito porque queria que eles escrevessem o que mais facilmente lhes sai oralmente, ou seja, alguns destes alunos necessitavam de realizar atividades que dessem uma relevância à parte escrita, pois apresentavam algumas dificuldades a este nível. Para eles era mais fácil dizerem oralmente o que queriam do que terem que estar a escrever, tendo atenção aos erros e à ligação e coesão das frases. Eu pretendia que cada aluno expusesse por escrito e posteriormente oralmente o que aquela história lhes transmitia para que cada um conseguisse dar continuidade à história. Considero que esta atividade serviu de estratégia de motivação dos alunos para a leitura pois por um lado, desenvolveram as regras de civismo no que diz respeito a esperarem a sua vez para lerem e respeitarem os colegas quando estes estavam a ler o seu trabalho e por outro lado, pude perceber que algumas das peripécias e personagens que os alunos utilizaram foram retiradas de outras histórias pelo que serviu de incentivo para os alunos continuarem a ler cada vez mais e melhores histórias. À medida que os alunos iam lendo o seu trabalho, em certos momentos, os colegas referiram que conheciam ou a personagem ou a peripécia que estava retratada. Pude também perceber que alguns alunos que não conheciam algumas das obras que tinham sido referidas, ficaram com curiosidade para as consultar pelos comentários que teceram no momento.

Atividade 4 – “A menina do Capuchinho Vermelho do século XXI”

Esta atividade foi desenvolvida em 4 momentos distintos mas todos eles contribuíram para a atividade final que consistia na dramatização de uma peça de teatro com o guião da história que os alunos tinham criado baseado no livro “A menina do Capuchinho Vermelho no século XXI”, de Luísa Ducla Soares. A atividade final foi apresentada no dia 23 de janeiro de 2013.

1º Momento

Esta atividade foi integrada de uma forma organizada, na planificação da semana de 21 a 23 de janeiro de 2013 (anexo 9).

Este primeiro momento consistiu, inicialmente na apresentação da história “Menina do Capuchinho Vermelho no século XXI”, de Luísa Ducla Soares. A autora conta:

A história da menina do Capuchinho Vermelho que, com a ajuda de João, o menino do anorake azul, salta de um velho livro para o século XXI e descobre, entre outras coisas, que, afinal, o lobo já não é o que parecia e que até é possível apadrinhar um exemplar deste seu velho inimigo na «reserva do Lobo Ibérico, para os lados da Malveira». Materializando uma das mais recorrentes tendências da atual literatura para a infância, a autora recria o célebre conto, a partir de duas estratégias fundamentais: a recuperação de elementos codificados – como a visita à avó, a oferta de um bolo ou a referência à floresta e ao “lobo mau” – e a introdução de aspetos próprios da contemporaneidade – como a televisão, uma mãe que trabalha numa fábrica, uma floresta que ardera no Verão, um automóvel ou uma avó com telemóvel. A associação original dos elementos mencionados resulta, assim, numa renovada narrativa que permite simultaneamente regressar a uma “velha história” e contactar com realidades reconhecíveis pelos pequenos leitores.

Optei por utilizar este livro pois considerei ser um livro interessante de trabalhar com os alunos, pela história que este apresentava, pela qualidade da produção gráfica, peripécias, entre outros aspetos. É uma obra relativamente recente, de uma autora de referência e que tem já publicadas dezenas de obras quer para o público infantil como para o público juvenil, tais como “A Nau Catrineta”, “Os Ovos Misteriosos”, “Todos no sofá”, entre outras. Considero que esta obra serve para enriquecer a cultura literária dos alunos, alargando o seu conhecimento sobre obras de literatura infantil. Para isso a investigadora recorreu ao computador e apresentou, em suporte digital (PowerPoint) no quadro interativo, a história para que os alunos pudessem ter acesso quer à parte textual quer às ilustrações do texto.

De seguida, após ter esclarecido alguma questão que os alunos tivessem (vocabulário ou outra) e de maneira a cativar e a motivar os alunos para a análise da história, a professora desafiou os alunos a responderem á última questão que vinha

apresentada no livro: “ Afinal peço à minha mãe que durmas no sofá cama ou voltas para a tua história?”. Para isso, a professora estagiária entregou a cada aluno uma folha com a última frase do texto escrita e pediu aos alunos que escrevessem uma resposta para ela “Digam-me lá vocês o que é que ela resolveu” (Anexo 10). Os alunos podiam decidir se a Capuchinho ficava naquela história ou se ia para a sua e escrever o que bem entendessem. Optei por os alunos deixarem um registo escrito sobre a sua opinião de como poderia ter terminado a história pois assim, seria mais fácil para perceber a atenção que os alunos tinham demonstrado aquando da apresentação da mesma, porque assim eles teriam mais contacto com a história e porque se envolveriam mais nas atividades que viriam a ser desenvolvidas posteriormente.

Após todos os alunos terem deixado o seu registo escrito, a professora estagiária desafiou os alunos a criarem fantoches para as personagens que apareciam na história, como por exemplo a Capuchinho Vermelho, o lobo mau, o João, entre outras. A professora explicou aos alunos que estes fantoches iam ser utilizados mais posteriormente. A professora distribuiu os alunos por 3 grupos, ficando 5/6 alunos por grupo. A cada um dos grupos entregou 5 corpos de fantoche feitos em pano branco e 5 cabeças de fantoche (imagens 5 e 6). De seguida explicou aos alunos que estes teriam de escolher as personagens principais da história para as representarem nos fantoches. Com esta atividade eu pude perceber a atenção que os alunos prestaram à leitura da história, as características de cada personagem, entre outros aspetos. Após cada grupo ter decidido que fantoches iriam construir, dividiram as tarefas que cada um iria fazer para assim estarem todos envolvidos no processo de criação dos fantoches.

Na sua maioria, o grupo mostrou interesse em fazer os fantoches para contar a história no fantocheiro, que foi uma atividade realizada posteriormente.

Considero que os alunos estiveram motivados, interessados e participativos na realização desta tarefa. É importante que eles façam atividades deste género, pois permite que estes desenvolvam a imaginação, a criatividade e o trabalho em equipa, bem como é possível observar e analisar diversos aspetos relacionados com a atenção aos pormenores, às características apresentadas na história e que eles tiveram acesso com a leitura da história, entre outros.



Imagem 5: Construção dos fantoches.



Imagem 6: Construção dos fantoches.

2º Momento

O segundo momento desta atividade consistiu na construção do fantocheiro que seria usado na dramatização da peça de teatro do livro “A Menina do Capuchinho Vermelho do século XXI”. Esta atividade foi desenvolvida em paralelo com a construção dos fantoches. Enquanto dois grupos estavam na construção dos fantoches, o outro grupo estava na decoração do papel de cenário que seria aplicado na estrutura do fantocheiro (imagens 11 e 12).

A investigadora optou por ter só um grupo de cada vez na decoração do papel de cenário devido às condições físicas da sala de expressões plásticas e devido ao facto de o tamanho do papel de cenário não permitir que estivessem todos os alunos de uma vez só a decorá-lo.

A construção deste fantocheiro tinha como objetivo principal, os alunos representarem a peça de teatro que tinham trabalhado durante a semana mas também serviria para, no futuro, alunos e professores o utilizarem para representar outras peças de teatro visto que o fantocheiro ficou na escola.

Pelo feedback que fui tendo dos alunos durante e após a atividade considero que esta foi uma atividade bem-sucedida. Os alunos sentiram-se desde início motivados e interessados em participar apesar de alguns terem mostrado alguma hesitação porque não sabiam o que desenhar e afirmavam não saber ter jeito para desenhar. No entanto

após um incentivo da parte da investigadora e dos próprios colegas, estes alunos foram-se motivando a eles próprios e conseguiram realizar o seu trabalho.

Notava-se que os alunos estavam alegres e entusiasmados por estarem a realizar uma atividade que não era prática comum nas aulas deles.

Esta atividade foi uma estratégia de animação da leitura muito interessante para os alunos desenvolverem pois tiveram oportunidade de pintar e ser criativos na construção dos desenhos.



Imagem 7: Construção do cenário do fantocheiro.



Imagem 8: Construção do fantocheiro.

3º Momento

Neste 3º momento da atividade, os alunos dos diferentes grupos tinham de criar para o seu grupo, o guião da história que tinham de dramatizar de seguida. Os alunos logo no início da semana tinham ouvido e visto a história na íntegra. Os mesmos tinham de transformar a história em texto dramático, colocando se necessário, as falas que as personagens podiam ter. Tinham de elaborar o guião com as personagens e as diferentes ações que cada uma delas tinha para posteriormente o apresentarem à restante turma. O guião não precisava de ter todos os acontecimentos narrados na história mas pelo menos teria de conter os principais para servirem como fio condutor da história. Esta atividade

foi realizada em conjunto com a investigadora pois notei e verifiquei que alguns alunos estavam a ter alguma dificuldade em lembrar os acontecimentos pela ordem que estes apareciam na história. Assim sendo, a mesma foi passando por todos os grupos e foi dando uma ajuda para que estes conseguissem ter pelo menos os acontecimentos principais da história, para que quando a apresentassem à turma tivessem um guião completo e que a história fizesse sentido.

Dos vários momentos que compunham esta atividade considero que este foi aquele em que os alunos apresentaram mais dificuldade, pois tinham de se lembrar dos acontecimentos da história que tinham ouvido na segunda-feira e tinham de escrever com correção ortográfica e sintática o guião da mesma. No geral todos os grupos conseguiram terminar a tarefa apesar de uns terem tido um pouco mais de ajuda da investigadora do que outros.

Considero que esta foi uma boa estratégia para dar a conhecer esta obra literária aos alunos pois, como estes já tinham tido contacto com a obra nos dois momentos anteriores da atividade, apenas tinham de se lembrar os momentos e passagens da história e colocá-los no guião pela ordem que estes apareciam na mesma.

Este momento da atividade serviu para os alunos salientarem os momentos principais da história bem como porem em prática o que se lembravam pois estes sabiam que teriam de apresentar o guião completo no momento seguinte da atividade.

Devido ao facto de esta atividade estar dividida em 4 momentos e a maioria deles fazer alusão à obra e a diversos aspetos que a constituem, foi uma mais valia para os alunos ficarem com um conhecimento mais aprofundado sobre a obra. Considero que esta atividade foi uma estratégia diferente para dar a conhecer uma obra de literatura infantil.

4º Momento

A última parte desta atividade consistiu na dramatização pelos alunos do guião da história que tinham criado, utilizando como recursos os fantoches e o fantocheiro construído previamente (imagens 9, 10 e 11).

Inicialmente cada um dos grupos teve a oportunidade para ensaiar a sua apresentação.

Quando o primeiro grupo estava para iniciar a sua apresentação, a professora cooperante lembrou-se que seria interessante que a turma do 1º ano também pudesse assistir às apresentações, daí que tenham estado duas turmas a assistir às dramatizações.

A investigadora em conjunto com as professoras cooperantes colocaram algumas questões à turma do 1º ano só para verificar se os guiões da história tinham os acontecimentos principais e se os alunos tinham percebido a história e a sabiam contar.

A investigadora ficou contente e agradavelmente surpreendida por ter verificado que os alunos tinham estado com atenção e sabiam responder às várias questões colocadas, o que representava que os aguiões construídos tinham um fio condutor que facilitava a compreensão da história.

A investigadora verificou que os alunos do 3º ano estavam entusiasmados por terem de contar a história usando para o efeito os fantoches e o fantocheiro. O facto de eles terem estes adereços e de terem de manipular os fantoches para darem a entender quando é que os estes “falavam”, despertou nos alunos um momento lúdico e muito interessante para todos eles. Esta atividade era uma estratégia de animação da leitura a que os alunos não estavam muito acostumados e que por isso representava e se traduzia na “atração” que os alunos tiveram. O facto de os alunos terem realizado esta dramatização permitiu que cada um deles tivesse um conhecimento mais amplo da obra em questão devido a todo o trabalho prévio que os alunos tiveram de realizar para fazerem a apresentação final. O facto de serem os próprios alunos a dramatizar por si só, foi um fator determinante para a concentração dos alunos para a realização da tarefa.



Imagem 9: Apresentação das dramatizações.



Imagem 10: Apresentação das dramatizações.



Imagem 11: Apresentação das dramatizações.

Atividade 5 – “Peddy paper das histórias”

Esta atividade consistiu, como o próprio nome indica, na realização de um Peddy paper desenvolvido em torno de um texto.

A investigadora começou por explicar aos alunos a atividade que iam fazer, explicando as regras do jogo (Anexo 11). Dividiu a turma em 4 grupos e explicou que pelo espaço da escola iriam estar escondidas 6 pistas correspondentes a 6 estações (Imagens 12 e 13).

Os alunos tinham de responder a um enigma que estava dentro das caixas e por cada enigma certo que tivessem, recebiam um envelope com um trecho da história “O pequeno alfaiate”, do livro Os mais belos contos de Grimm, Andersen e Perrault. Esta

história estava dividida em 6 partes (Anexo 12). A escolha desta obra prendeu-se com o facto de ser uma obra desconhecida para os alunos, ser relativamente pequena, ter uma história interessante e motivadora para os alunos e servir para enriquecer o conhecimento literário dos alunos.

Cada estação tinha duas caixas de onde os guias retiravam os envelopes. Se os alunos acertassem na resposta teriam acesso a um trecho da história. Caso os alunos não acertassem no enigma ou não o resolverem no tempo exigido os alunos teriam acesso a um cartão em branco.

Pretendia-se que os alunos, ao percorrerem cada uma das estações, decifrassem e resolvessem o enigma apresentado para assim terem acesso aos diferentes trechos da história.

Em cada enigma ou em cada estação era um aluno diferente do grupo a decifrá-lo. Assim todos tinham oportunidade de participar ativamente na recolha dos diferentes trechos da história.

Caso os alunos não respondessem acertadamente aos enigmas levavam um envelope branco que só abririam na sala de aula. Durante o jogo nenhum aluno podia abrir os envelopes para ver se tinham acertado no enigma ou não.

Uma vez recolhidos os 6 envelopes que supostamente continham os 6 trechos da história, os alunos dirigiram-se à sala de aula. Posteriormente, a professora entregou a cada grupo uma folha (Anexo 15) para que estes pudessem organizar a sequência dos trechos que arrecadaram, usando os números que cada envelope apresentava. O desafio desta atividade era os alunos criarem para cada cartão em branco que arrecadaram, o trecho da história em falta. Existia a possibilidade de os grupos acertarem em todos os enigmas e por isso terem acesso a todos os trechos da história. Caso isso acontecesse, os alunos teriam que fazer uma pesquisa no computador da biblioteca da escola sobre o autor da história ou então escrever outro final para aquela história.

Só um grupo é que conseguiu arrecadar os trechos todos da história pelo que escolheram escrever outro final para a história apresentada.

Quando chegou a altura de todos os alunos/grupos apresentarem o trabalho que tinham feito, o grupo que tinha arrecadado os trechos todos começou por ler a história toda aos colegas para que estes tivessem acesso à história na íntegra.

De seguida apresentaram o final diferente que tinham construído para aquela história.

Cada grupo, de seguida, apresentou em voz alta os trechos que tinham arrecadado bem como os que tiveram que construir por não terem acertado nos enigmas ou por não terem respondido no tempo destinado para o efeito.

Apenas um grupo sentiu alguma dificuldade em realizar esta tarefa devido ao facto de só terem arrecadado 2 trechos da história dos 6 disponíveis. Também não tinham acertado no primeiro enigma pelo que esta tarefa estava um pouco dificultada para este grupo. No entanto a investigadora ajudou este grupo e entregou-lhes o primeiro trecho da história para que estes pudessem dar-lhe continuidade e criar os outros trechos em falta.

Apesar desta dificuldade inicial sentida por este grupo, todos conseguiram concretizar os propósitos desta atividade.

Na primeira parte da atividade, os alunos estavam excitados em responder no menor tempo possível aos enigmas, em acertá-los e em saber qual era o local seguinte que tinham que ir para arrecadarem outro. Todos os grupos colaboraram com o guia e respeitaram as regras de participação do jogo, tal como não correr na escola, só o guia é que levava o mapa e é que recolhia os envelopes.

Uma vez dentro da sala de aula, todos se sentaram por grupos para darem continuidade ao trabalho e fizeram-no relativamente em silêncio e criaram trechos coerentes e diferentes dos originais.



Imagens 12: Os alunos à procura dos enigmas e a reponderem aos mesmos.



Imagens 13: Os alunos à procura dos enigmas e a reponderem aos mesmos.

FASE III

Nesta fase foi aplicado um questionário final que pretendia recolher a opinião dos alunos sobre cada uma das atividades que foi desenvolvida no decorrer deste estudo para assim avaliar a eficácia de cada uma delas.

“Registo de Apreciação crítica das atividades desenvolvidas”

Com o intuito de a investigador ter um feedback das opiniões dos alunos relativamente às atividades que foram desenvolvidas relacionadas com o projeto de estudo elaborou um questionário com apenas três questões (Anexo 16): 1) Que atividades gostarias de fazer depois de leres um livro ou uma história? 2) Quantas horas costumas dedicar, por semana, à leitura de livros não escolares? e 3) Faz um comentário em relação às atividades e escolhe a(s) que mais gostaste de fazer. Explica porquê.

A investigadora pretendia perceber se os alunos sugeriam, após terem sido realizadas várias tarefas, atividades de diferentes tipos e se eram criativos em fazê-lo, ou se se mantinham pelas que tinham mencionado no inquérito inicial. A investigadora queria saber se os alunos se lembravam de atividades diferentes às que tinham sido realizadas para trabalhar e analisar um livro ou um texto.

Na análise das respostas à questão 1 (que atividades gostarias de fazer depois de leres um livro ou uma história), a investigadora pôde perceber que os alunos sugeriram atividades semelhantes. Fazendo uma análise dos dados desta questão, relativos ao inquérito inicial e à apreciação crítica das atividades a investigadora verificou que as respostas ou eram as que eles tinham sugerido inicialmente ou eram parecidas às que tinham sido desenvolvidas para a realização deste estudo. Os alunos prenderam-se ao trabalho que tinha sido feito e não pensaram nem se lembraram de atividades que poderiam ser feitas que fossem dos interesses deles e que gostassem de experimentar.

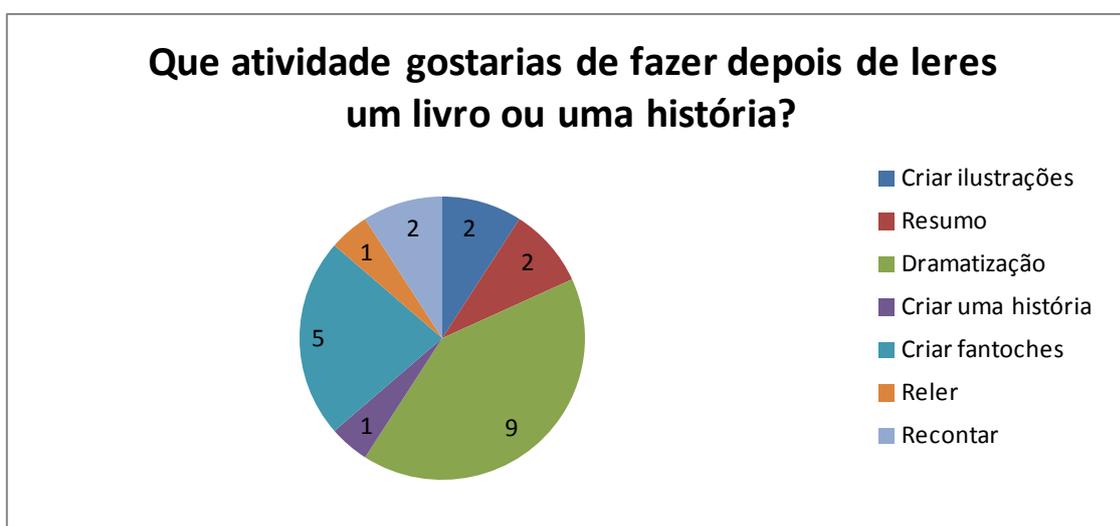


Gráfico 11: Nome da atividade que os alunos gostariam de fazer após a leitura de um livro ou de uma história.

Fazendo uma análise dos dois gráficos (10 e 11), 2 alunos mencionaram que gostavam de escrever uma história (gráfico 10) e apenas 1 mencionou que gostaria de escrever uma história no gráfico 11. Em relação a fazer teatro ou dramatizações, no gráfico 10 dez alunos mencionaram que gostavam de fazer mas no gráfico 11 apenas nove queriam fazê-lo. No gráfico 10 sete alunos mencionam que gostariam de reescrever uma história mas no segundo gráfico esta opção já não aparece. No primeiro gráfico (10) dois alunos mencionaram que gostariam de fazer alguma atividade relacionada coma pintura mas no segundo gráfico (11) já não mencionam esta atividade. Dois alunos mencionam que gostariam de construir fantoches no gráfico 10 mas no gráfico 11 apenas

cinco alunos mencionaram esta preferência. Ainda no gráfico 10 um aluno regista que gostaria de realizar uma atividade relacionada com a música mas no gráfico 11 ninguém menciona esta atividade.

No gráfico 11, dois alunos mencionam que gostariam de realizar atividades relacionadas com a ilustração e no gráfico 10 ninguém mencionou esta atividade.

Ainda é possível verificar que no gráfico 11 dois alunos mencionam que gostariam de recontar uma história, um aluno gostaria de reler a história e outros dois alunos mencionam que gostariam de fazer um resumo da história. Estas últimas atividades não vêm apresentadas no gráfico 10. Apenas no final da realização de todas as atividades é que os alunos mencionaram este tipo de atividades.

Fazendo um balanço geral do gráfico 10 e 11 é no último que existe uma maior variedade de atividades que os alunos sugeriram mas é também neste que os alunos se encontram mais distribuídos pelas atividades mencionadas. É de referir que tanto num gráfico como no outro, os alunos apresentam uma preferência por realizar atividades relacionadas com o teatro/dramatizações. Outro aspeto relevante que surge da análise do gráfico 11 é que a maioria das atividades que foram apresentadas pelos alunos são semelhantes às que foram implementadas para a realização do estudo.

Relativamente à segunda questão apresentada (quantas horas costumam dedicar, por semana, à leitura de livros não escolares), a investigadora pretendia analisar o número de horas que os alunos dedicavam à leitura. Mais concretamente, queria verificar se após os alunos terem realizado estas atividades e de terem trabalhado diferentes textos, se isso tinha trazido ou feito alguma mudança nos hábitos de leitura de cada um dos alunos. Mais concretamente queria identificar quais os alunos que tinham aumentado o número de horas que dedicavam à leitura.

Após ter sido feita uma análise às respostas dadas no inquérito e estabelecida uma comparação com os dados relativos ao inquérito inicial percebeu-se que os alunos referiram dedicar mais tempo à leitura, dado que interpretamos como muito positivo (gráfico 12).

Enquanto inicialmente 4 alunos dedicavam menos de uma hora para a leitura, 12 alunos dedicavam entre uma a duas horas e apenas um aluno dedicava entre três a

quatro horas para a leitura, agora pode-se verificar-se, pela análise do gráfico que apenas um aluno dedica menos de uma hora, sete alunos dedicam entre uma a duas horas semanais à leitura, seis alunos dedicam entre três a quatro horas e três alunos dedicam mais de 10 horas semanais.



Gráfico 12: “Quantas horas costumamos dedicar, por semana, à leitura de livros não escolares?”

A última questão que foi colocada pretendia que os alunos tecessem um comentário sobre cada uma das atividades e indicassem a(s) que tinham gostado mais de fazer.

Para analisar as respostas a investigadora organizou os dados no gráfico 13. O mesmo diz respeito à(s) atividade(s) que os alunos gostaram mais de realizar.

Após a observação do primeiro gráfico (gráfico 13) é possível identificar que 2 alunos preferiram a atividade quatro: A menina do Capuchinho vermelho do séc. XXI, e nove alunos preferiram a atividade cinco: Peddy paper das histórias. No entanto, seis alunos não manifestaram preferência por nenhuma atividade em específico, tendo escolhido todas as atividades como as que mais gostaram de fazer. A maioria dos alunos manifestou preferência pela última atividade, provavelmente por ter sido uma estratégia de animação da leitura que nunca tinham realizado, ou mesmo pela obra literária selecionada, que os cativou em concretizar a atividade. Também o facto de esta ter tido uma componente prática que os fazia circular pela escola à procura das pistas para encontrar os enigmas e assim receber os trechos da história, motivou-os para a atividades

propriamente dita e elaboraram os trechos em falta demonstrando criatividade, concentração e imaginação. No final foi com satisfação que observamos o entusiasmo com que cada grupo leu os trechos criados e se confrontaram com as histórias diferentes que surgiram na turma.



Gráfico 13: Atividade(s) que os alunos mais gostaram de realizar.

Fazendo uma análise do gráfico 13 bem como as opiniões que cada aluno escreveu em relação a cada uma das atividades desenvolvidas, pode observar-se que dois alunos mostraram preferência pela atividade 4: A menina do Capuchinho Vermelho do séc.XXI, nove alunos preferiram a atividade 5: Peddy paper das histórias e seis não mostraram preferência por nenhuma atividade em particular pelo que selecionaram todas as atividades como preferidas.

Em relação à atividade 1: Ninguém dá prendas ao Pai Natal, 15 alunos escreveram que gostaram da atividade e apenas um mencionou que não gostou porque não sabia desenhar. Os comentários tecidos sobre esta atividade foram que gostaram da atividade porque gostaram de desenhar, porque gostaram de ouvir a história e porque gostaram de pintar.

Em relação à segunda atividade, 15 alunos gostaram de a realizar e dois não gostaram; um porque não tinha ideias, o outro não gostou das imagens que lhe saíram.

Os alunos mencionaram que gostaram de escrever textos foi uma atividade divertida e que com as imagens que lhes saíram descobriram histórias novas.

Relativamente à atividade três, 16 alunos manifestaram que gostaram da atividade e um aluno não gostou porque não gosta de escrever. Os alunos gostaram da atividade pois gostam de ilustrar, puderam desenvolver a criatividade e a imaginação, adoraram escrever e foi uma atividade divertida de realizar.

No que diz respeito à atividade quatro, todos os alunos gostaram de a realizar. Afirmaram que gostaram de criar os fantoches, adoraram representar, adoraram escrever e foi uma atividade espetacular.

Relativamente à última atividade, todos os alunos manifestaram que gostaram de realizar a atividade porque nunca tinham feito nada no género, gostaram de descobrir os enigmas, foi uma atividade divertida, foi a melhor coisa das aulas, gostaram de escrever e ler o que escreveram e foi sensacional.

De uma forma geral a maioria dos alunos gostou bastante de realizar as atividades sendo que um ou dois alunos (conforme a atividade) não gostaram muito de realizar as primeiras atividades. Os fatores prendem-se com o facto de estes alunos não terem muita imaginação e não se forçarem e motivarem a eles próprios para conseguirem realizar as tarefas. Também se observa que uma vez mais os alunos deram uma preferência por realizar quer a quarta quer a quinta atividade.

Mediante esta análise a investigadora considera que os alunos, posteriormente a terem participado neste estudo e de terem realizado atividades várias, se sentiram mais motivados e aliciados a consultar e a ler livros, dedicando mais horas por semana para a leitura. Todas as atividade foram proveitosas quer para os alunos (porque realizaram atividades de tipos diferentes e foram incentivados a ler mais e a despenderem mais horas por semana para a leitura) quer para a investigadora (porque desenvolveu atividades que foram ao encontro dos gostos e preferências dos alunos e que contribuíram para a concretização do estudo.

CONCLUSÕES

O presente estudo teve como principal objetivo incentivar os alunos a desenvolver hábitos e gosto pela leitura de obras de literatura infantil através da realização de estratégias de animação da leitura. A partir do objetivo geral que foi traçado no início do projeto, formularam-se questões de investigação: I) De que modo se podem dar a conhecer obras literárias aos alunos, II) Que estratégias motivam os alunos para a leitura? e III) Como se podem fomentar hábitos de leitura nos alunos?

Através da revisão da literatura concluiu-se que é importante que os alunos leiam e se sintam motivados a ler, daí que a escola e a biblioteca escolar e as bibliotecas em geral tenham um papel fulcral no desenvolvimento de hábitos de leitura nos alunos, tal como afirma Sequeira (2002) “ A criação de hábitos de leitura na escola contribuirá para fazer um adulto leitor que sentirá mais tarde a necessidade de frequentar uma biblioteca pública” (p. 56).

É importante que o professor promova atividades de animação da leitura que motivam e cativem os alunos a participar nas aulas e que desenvolvam práticas de leitura que perdurem nas suas vidas, pois “ a leitura tem de ocupar um lugar privilegiado” na vida de cada um (Sequeira, 2002, p. 57).

Os dados que foram recolhidos através das notas de campo, dos registos fotográficos e vídeo, das observações e do inquérito por questionário permitiram que eu avaliasse as sugestões que os alunos fizeram sobre atividades relacionadas com a leitura que poderiam vir a ser realizadas, o desenvolvimento das atividades e reação dos alunos perante a realização das mesmas e possibilitaram responder às questões que foram inicialmente formuladas. Permitiu-me também refletir sobre a eficácia do meu percurso de intervenção.

O tema deste estudo de investigação é algo que considero pertinente porque torna-se importante que todos os alunos tenham acesso a diversas obras de literatura infantil e os professores devem arranjar estratégias para dar resposta a esta ideia. O professor torna-se assim uma ferramenta fundamental para criar nos alunos o hábito de ler, de os incentivar e motivar para o efeito. A leitura é considerada assim “um domínio transversal e pluridisciplinar em contexto escolar e, por isso, todos os professores têm a

responsabilidade de orientar os alunos na leitura do material utilizado para o estudo dos conteúdos programáticos ministrados e de criar nos alunos o gosto pela leitura” (Sequeira, 2002, p. 58).

Considero que este estudo contribuiu em certa medida para fomentar hábitos de leitura dos alunos, concretamente ajudar a aumentar o número de horas dedicadas à leitura de livros não escolares. É de notar que os alunos passaram a dedicar mais horas à leitura do que as que dedicavam anteriormente à realização deste estudo. Os alunos passaram a estar mais despertos para os livros que os rodavam e mais interessados na sua leitura.

Foram elaboradas, planeadas e implementadas um conjunto de atividades/estratégias de animação da leitura que permitiram captar o interesse e a motivação dos alunos neste sentido. Considero que cada uma destas atividades deu resposta às questões que foram propostas.

Fazendo uma análise à questão de investigação "Que estratégias motivam os alunos para a leitura?", a realização deste estudo não me permite dar uma resposta concreta e completa mas considero que as estratégias que foram utilizadas, a ilustração, a leitura e a escrita, o teatro, permitiram que os alunos as associassem com a leitura e enquanto lúdicas e divertidas, os ajudassem a estar mais despertos para a leitura, dedicando-lhe mais tempo. Com efeito, a análise dos resultados do inquérito inicial e do registo da apreciação crítica das atividades desenvolvidas, concretamente a questão relativa às horas que dedicavam semanalmente à leitura de livros não escolares, permite-nos avançar com esta interpretação.

Dando resposta às outras questões de investigação de investigação que foram formuladas “Como se podem fomentar hábitos de leitura nos alunos” e “ De que modo se podem dar a conhecer obras literárias aos alunos?”, considero que um dos aspetos fundamentais é tornar o livro, as histórias, presenças assíduas na sala de aula.

Para a realização das atividades/estratégias de animação da leitura que foram planeadas, abordei diferentes histórias, entre as quais: “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”, “ A Menina do Capuchinho Vermelho do século XXI” e diversos contos tradicionais. É de salientar que apenas os contos tradicionais mais familiares como a Branca de Neve e

os Sete Anões e a Gata Borralheira eram conhecidos pelos alunos, sendo que as restantes obras como o “Pequeno Alfaiate” lhes eram desconhecidas. Esta foi uma estratégia que se mostrou adequada para envolver os alunos em práticas de leitura e simultaneamente enriquecer a sua bagagem cultural e os seus conhecimentos sobre obras de literatura infantil.

Outro aspeto que nos mereceu atenção e que se revelou muito positivo foi o contacto que os alunos tiveram com os autores dos textos que leram, pois nas diversas atividades que foram desenvolvidas houve sempre acesso aos dados biográficos dos autores e a informação relevante sobre os seus perfis literários.

Importante para os nossos objetivos foi a opção por diversificar as atividades, o que permitiu criar um efeito surpresa que influenciou a motivação dos alunos. De igual modo o contacto com textos literários desconhecidos, mas quanto a nós bem selecionados, permitiu que os alunos se interessassem e se sentissem motivados em analisar as obras e em concretizar as atividades. Embora as atividades apelassem ao lúdico, até porque eram estratégias de animação da leitura, contemplavam sempre momentos de compreensão da leitura. Os alunos tinham sempre de ler, analisar e interpretar os textos para conseguirem realizar a atividade. Esta dimensão foi sempre bem desenvolvida em cada uma das atividades pois estes sabiam que tinham de prestar atenção a todos os aspetos da obra porque poder-lhes-ia ser perguntada alguma informação ou então podiam precisar dela para resolverem a tarefa.

Por exemplo na atividade quatro: A Menina do Capuchinho Vermelho no séc. XXI que estava subdividida em vários momentos, todos estes se debruçavam sobre a análise da obra pelo que os alunos tinham de analisá-la e interpretá-la muito bem, prestando atenção a todos os pormenores ou não conseguiriam completar a atividade. Tinham de ter atenção às características das personagens, as suas falas, os espaços, para conseguirem criar os fantoches e o cenário do fantocheiro que tinham de utilizar na dramatização do guião que tinham construído.

Também na última atividade: Peddy paper das histórias, os alunos tiveram acesso ao texto na íntegra mas tiveram de ter em atenção como haviam de interligar os diferentes trechos da história arrecadada para que esta fizesse sentido no final. Esta

atividade desencadeou nos alunos uma motivação especial pois nunca tinham feito algo do género. Conciliou dois aspetos que se identificaram como positivamente pedagógicos, por um lado permitiu que os alunos contactassem com um texto literário novo, analisando-o e interpretando-o e por outro lado o fizessem de modo animado, através de um jogo dinâmico e envolvendo os espaços físicos da escola.

Esta estratégia de em cada atividade utilizar um livro diferente permitiu que os alunos tivessem acesso e possibilidade de criar uma relação de proximidade com diversos textos da literatura infantil.

É importante salientar o papel que tive, tanto como professora estagiária como investigadora neste estudo, pois procurei promover oportunidades para que os alunos tivessem acesso a diferentes obras e aliadas a elas realizassem atividades de exploração das mesmas que as cativassem de modo a ficarem interessadas em ler mais. Optei por utilizar diversos materiais e técnicas como o teatro de sombras ou de fantoches e explorar diferentes espaços da escola que não eram frequentemente utilizados pelos alunos tal como a biblioteca escolar e a sala de expressões plásticas, bem como o espaço exterior.

Através de estratégias lúdicas de animação da leitura é possível dar a conhecer aos alunos obras de literatura infantil e com isto fomentar e incentivar os alunos a desenvolverem hábitos de leitura. Todas as atividades que foram desenvolvidas e que eram de tipos diferentes, tinham como objetivo primordial incentivar os alunos para a leitura, para a análise de obras, despertando nos mesmos o gosto pela leitura. Considerei pertinente trabalhar/explorar diferentes obras mas queria que os alunos as explorassem de maneiras diferentes, não sendo somente utilizada a leitura para o efeito. Quero com isto dizer que queria fazer atividades em que os alunos não lessem somente o texto e respondessem a uma ficha de interpretação mas sim, que criassem e desenvolvessem textos, que realizassem atividades lúdicas para assim aliar o prazer ao trabalho e ao conhecimento. Um fator determinante para que este propósito fosse alcançado foi a utilização de diversos materiais e técnicas que normalmente os alunos não estavam acostumados a utilizar no seu dia-a-dia ou no seu quotidiano. Mesmo as três primeiras atividades (Ninguém dá prendas ao Pai Natal, Contos Tradicionais e a Nossa História), em

que pelo menos um aluno mencionou que não tinham gostado de realizar ou porque não gostava das imagens ou porque não gostava de escrever, contribuiu para que os alunos se sentissem interessados por realizar uma atividade que não estava acostumados. Considero que após a realização de todas as atividades os alunos perceberem que podem ser realizadas diversas tarefas para explorar um livro ou uma história e que se torna importante que eles tenham a leitura como algo presente nos seus dias, pois permite que estes se instruem e desenvolvam o seu conhecimento bem como a cultura literária.

Penso que as atividades que foram desenvolvidas foram criativas e permitiram um envolvimento de toda a turma na sua realização. É importante destacar a cooperação e o envolvimento dos alunos nesta investigação. Mostraram-se sempre atentos, participativos e interessados em ouvir o que eu tinha para dizer bem como para trabalhar e concretizar as atividades.

Penso que com a realização desta investigação os alunos ficaram alertados para a necessidade de cada um deles criar os seus hábitos de leitura e a importância de lerem livros adequados à sua faixa etária. Verifiquei o gosto e entusiasmo que os alunos demonstraram quando estavam a desenvolver as atividades e creio que isso se traduziu num aumento no número de horas que estes passaram a dedicar semanalmente à leitura de livros.

Penso que as atividades que foram desenvolvidas foram criativas e permitiram um envolvimento de toda a turma na sua realização.

A necessidade de criar bons leitores deve ser uma preocupação quer dos professores, dos pais e da sociedade. Todos nós somos responsáveis por formar e instruir as nossas crianças para que estas possam um dia tornar-se bons leitores e cidadãos informados.

De uma forma geral, considero que o grupo interiorizou aprendizagens significativas no âmbito do desenvolvimento de atividades lúdicas de leitura, mostrando cada vez mais interesse e vontade em querer ler mais e melhor.

Limitações do estudo

Torna-se importante salientar que o presente estudo contou com um número limitado de participantes uma vez que foi elaborado ao longo do estágio que foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II. Esta unidade curricular faz parte integrante do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico.

Este estudo foi realizado num espaço temporal pequeno, apenas três meses, pelo que seria interessante de observar quais seriam as conclusões deste estudo se o mesmo tivesse sido desenvolvido ao longo de um ano letivo. Também seria interessante de desenvolver este estudo com os outros anos escolares que existiam nesta escola (1º, 2º e 4º) para mais uma vez se observar se as conclusões seriam iguais ou iriam diferir das que foram apresentadas neste estudo.

Capítulo IV – Reflexão final da PES I e PES II

A Prática de Ensino Supervisionada dividiu-se em dois grandes momentos, sendo eles, o primeiro no Pré-escolar e o segundo no 1º ciclo.

Durante estes dois semestres de estágio que tive (quer do pré-escolar, quer do 1º ciclo), foram muitas as aprendizagens que transmiti e adquiri, estratégias e materiais que utilizei, desafios que concretizei, entre muitos outros aspetos.

Desde tenra idade que sempre desejei ter uma profissão que prezasse pelo trabalho e contacto direto com crianças. Até entrar para este perfil de mestrado (Educação Pré-escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico) não tinha bem uma ideia definida se queria ser professora ou educadora de infância. Daí que, quando tive conhecimento de um curso que abrangia estas duas valências, nem tive hesitação em escolhê-lo e tenho a dizer que fiz uma ótima escolha.

Tal como vem referido nas orientações curriculares (1997), “a educação pré-escolar é a primeira etapa básica no processo de educação ao longo da vida”. Daqui advém a importância da qualidade dos conhecimentos e das aprendizagens que são adquiridas nestas idades e que devem ser transmitidas pela educadora.

Muitos dos conhecimentos que as crianças adquirem nestas idades, são guardados e utilizados por elas pela vida fora. Uma das preocupações /objetivos de cada educador é formar pequenos cidadãos, que um dia (assim se espera) se tornem cidadãos exemplares na nossa sociedade.

Durante as dez semanas de implementações que tive, foram muitas as temáticas que foram trabalhadas (por exemplo o dia da mãe, o sentido da audição, da visão, do tato, o dia mundial da criança, o dia mundial do ambiente, entre outros). Apesar de todas as semanas ter um tema novo para trabalhar com as crianças, considero que para mim foi muito gratificante e útil de o fazer, pois agora estou munida de atividades, materiais e conhecimentos que anteriormente não tinha. Se no futuro da minha carreira, eu resolver enveredar pela área do pré-escolar, considero que já estou mais desperta para tudo o que envolve trabalhar com uma turma de pré-escolar, quer seja a organização de espaços, exigências e grau de dificuldade das atividades, organização da turma, gestão do tempo.

Com a turma que estive a trabalhar, com o passar do tempo, fui-me apercebendo como eram as relações das crianças comigo, entre elas e com a educadora cooperante. Pude perceber como era a receptividade deles á introdução de materiais e temas novos, de atividades variadas, qual a melhor estratégia de fazer chegar a informação a todas as crianças (devido às diferentes idades), se bem que cada uma, tem o seu ritmo e tempo de aquisição das aprendizagens próprio e nós enquanto futuras educadoras e/ou professoras devemos ter o cuidado de o respeitar, não acelerando este processo, pois assim as crianças começam a mostrar desinteresse, pondo em causa a eficácia das atividades e das aulas.

Tal como é mencionado nas orientações curriculares (1997),

“ Respeitar e valorizar as características individuais da criança, a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens. A oportunidade de usufruir de experiências educativas diversificadas, num contexto facilitador de interações sociais alargadas com outras crianças e adultos, permite que cada criança, ao construir o seu desenvolvimento e aprendizagem, vá contribuindo para o desenvolvimento e aprendizagem dos outros.”

Muitas vezes, as crianças ajudavam-se umas às outras na realização de atividades, pois sentiam-se mais à vontade para falar com os colegas e aproveitavam assim para brincar e falar de outras coisas, o que é normal nestas faixas etárias.

O desenvolvimento e as aprendizagens que as crianças adquirem dependem da estimulação que as mesmas encontram no seu meio envolvente. (ME, Guia de Atividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar, pág.13).

Este sempre foi um dos cuidados que tanto eu como o meu par de estágio tivemos quando estávamos a planificar as sessões, que consistia em criar e desenvolver atividades e materiais, que por um lado fossem lúdicos e que fossem atrativos (quer pelas dimensões, formatos ou cores) aos olhos das crianças, pois esse é meio caminho andado para conseguirmos cativar e concentrar a atenção das crianças em nós e no que vamos fazer. Por outro lado, queríamos implementar atividades que fossem variadas, ou seja, que não utilizassem sempre os mesmos recursos, que não fossem sempre do mesmo

género (por exemplo para trabalharmos uma história, não fazer sempre teatro de fantoches).

Outro dos cuidados que tivemos em conta e que considero ser fundamental para o bom funcionamento das atividades, foi reservar sempre um pouco de tempo, quer de manhã ou de tarde, para as crianças irem brincar para as áreas básicas de atividade (ABA). Era notório o desenrolar e o aproveitamento das crianças nas atividades, quando estas iam brincar um pouco para as ABA, para gastarem as energias que tinham acumuladas e depois vinham realizar as atividades. Quando isso não acontecia (por motivos metrológicos ou outros), as crianças ficavam hiperativas, com muita energia acumulada e por isso o seu nível de concentração era mais baixo, o que dificultava o meu processo de transmissão de conhecimentos e de implementação das atividades.

Na elaboração das atividades, tive em conta, sempre que possível, em criar atividades que permitissem às crianças manipular os materiais. Claro que isto nem sempre é possível devido ao cariz e exigência das mesmas. No entanto, considero que o facto de as crianças poderem manipular os materiais, desperta nelas a sua motivação, curiosidade, interesse, bem como o desejo de saber e experimentar, o que é fundamental, nomeadamente com crianças dos três aos seis anos de idade. Um exemplo de atividades que elas manipularam e que adoraram fazer, foram as atividades de culinária (realizamos várias), em que as crianças exploravam os ingredientes (sempre com a supervisão de um adulto), analisavam-se as quantidades de cada ingrediente necessários para fazer a receita (aprendiam assim noções matemáticas de pesos e quantidades, através de um cartaz grande em que tínhamos escrita a receita, os ingredientes, as suas quantidades e tínhamos uma imagem real de cada ingrediente para que as crianças fizessem a associação mais facilmente), desenvolviam os sentidos do corpo humano (visão, olfato, paladar, tato), entre outros aspetos.

No ato de planear as atividades, também tivemos o cuidado de não colocar atividades que fossem do mesmo nível de exigência. Tentei, em conjunto com a minha colega, alternar as atividades, quer com o nível de desenvolvimento das crianças, quer com a sua idade e o nível de exigência das mesmas (se começássemos por uma atividade mais exigente, a atividade seguinte teria de ser menos exigente e vice-versa), para que os

resultados obtidos pelas crianças fossem bons/positivos. Outra estratégia que foi utilizada consistiu em desenvolver as atividades de diversas formas: individualmente (por exemplo na resolução de pequenas fichas de atividades), em pequeno grupo (mostrou-se muito eficaz em algumas das atividades como as referentes à exploração dos sentidos do corpo humano) ou até em grande grupo (nas atividades de culinária ou a do pega monstro que foram possíveis de realizar com a turma toda).

Em algumas das atividades que planeamos, consideramos que era fundamental conseguir envolver a família na realização das mesmas, pois assim ficavam a par do trabalho que nós estávamos a desenvolver com as crianças e, por outro lado, auxiliávamos-nas com algumas tarefas que estas levassem para casa para desenvolver, facto que vem referido nas orientações curriculares (1997), “incentivar a participação das famílias no processo educativo”. Pois a família é uma continuidade das aprendizagens que se adquirem no jardim-de-infância e o jardim-de-infância é uma continuidade do trabalho desenvolvido em casa.

Fazendo um balanço do meu desempenho durante as dez semanas de estágio, considero que mais para o final das implementações, já era notório o meu á vontade com as atividades e com a transmissão de conhecimentos, com as crianças e a minha envolvência com as mesmas. Considero que a minha postura mudou para melhor, a minha colocação de voz melhorou (pois nas primeiras semanas ainda fazemos tudo um pouco a medo, por não estarmos ambientadas com a sala e com as crianças), já me sentia segura e confiante no que estava a fazer e a transmitir às crianças e creio que isso se refletiu no meu desempenho.

Apesar de considerar que globalmente o meu desempenho foi bom, creio que houveram algumas atividades que podiam ter decorrido melhor, nomeadamente as de expressão dramática. Por exemplo, a peça de teatro de fantoches que fiz, para abordar a temática da separação dos lixos, apesar de eu ter elaborado um diálogo simples, coeso e perceptível para as crianças, com questões direcionadas a elas, na apresentação da peça de teatro propriamente dita, o meu desempenho com os fantoches ficou a desejar. Este tipo de atividades de expressão dramática, não são o meu forte, apesar de considerar que são fundamentais de serem trabalhadas com crianças destas idades e outras, pois elas

ficam atraídas e concentradas quando vêem o movimento dos fantoches, quando a história que está a ser apresentada é interessante, quando as vozes das personagens são diferentes do habitual e dão entoações diferentes. Pelo feedback que obtive pelas professoras que me foram observar naquela semana e por parte da educadora, os fantoches não tiveram muito movimento e, por vezes era difícil de identificar qual a personagem que estava a falar. Este é um dos aspetos que terei de melhorar no futuro, apesar de já terem sido notórias algumas melhorias no 1º ciclo. Considero que a expressão dramática é muito útil para trabalhar os mais variados temas especialmente no pré-escolar, pois é um método que normalmente não é utilizado todos os dias e que permite que as crianças desenvolvam a atenção, a memória, a oralidade, imaginação, entre outros aspetos.

O grupo de crianças que acompanhei durante todo este tempo, era um grupo um pouco difícil de trabalhar pelo facto de abranger várias idades (3, 4 e 5 anos), tornando difícil de fazer chegar a informação pretendida a todos e da mesma forma. Era necessário dar, como é óbvio, um acompanhamento mais individual às crianças mais novas, pois estas às vezes, não percebiam o conteúdo de algumas atividades. Quando estava a explicar a atividade, e os mais pequenos não estavam a perceber, notava-se logo que a dinâmica da sala se alterava e os mais novos começavam a falar com os colegas do lado.

Excetuando este aspeto, e o facto de às vezes estarem hiperativos por causa de não irem ao recreio, este grupo de crianças era relativamente fácil de trabalhar. Estes eram criativos, alguns já eram independentes em realizar algumas atividades, davam as suas opiniões, eram participativos e eram curiosos em querer saber que material era aquele que tínhamos levado, o que iam fazer a seguir e questionavam sobre o conteúdo da atividade. Eram crianças afetuosas, simpáticas, inteligentes, conversadoras (às vezes até de mais, o que nestas idades isto é normal. Elas estão numa fase de exploração do meio que as rodeia e por isso querem saber sobre tudo). Apesar de na sala existirem crianças com diferentes idades, estas demonstravam uma interajuda entre elas que era de admirar (os maiores ajudavam os mais pequenos a fazer os puzzles mais complexos, ajudavam-nos a pintar, entre outras tarefas).

Considero que eles adquiriram vastos conhecimentos e aprendizagens durante o tempo que estive a realizar o estágio.

Em relação à educadora cooperante que tive, considero que ela era muito simpática, prestável, sempre se disponibilizou para se reunir a fim de debatermos as ideias das sessões. Se em algum momento, a educadora reparasse que eu estava a ter dificuldade em manter as crianças em silêncio, ou que estava com dificuldades em transmitir os conhecimentos às crianças, ou até a explicar uma atividade, ela intervinha e ajudava-me. Sempre disponibilizou diversos materiais como papel de cenário, marcadores, tintas guache, cartão, cartolinas, para nós pudermos construir os nossos materiais para os utilizarmos e enriquecermos as nossas sessões. Penso que tive muita sorte com a educadora que trabalhei, pois ela demonstrou ser uma pessoa compreensiva, concordou com as atividades que lhe eram apresentadas e em algumas sugeriu que as reformulássemos não porque estivessem mal ou desadequadas, mas porque havia outras melhores que podiam ser utilizadas na altura ou outros materiais que podiam ser utilizados.

Fazendo um balanço final, considero que durante o estágio do pré-escolar havia um aspeto que podia ter sido melhor. Este diz respeito ao meu desempenho ao nível da expressão dramática, pois nunca tive formação na área (na minha licenciatura também não tive formação do género) e se tivesse tido, talvez o meu desempenho e a vontade pudesse ter sido melhor e, talvez as minhas peças de teatro talvez fossem mais dinâmicas e mais entusiasmantes.

Em suma, após estas semanas de implementação, considero que aprendi muito em relação ao pré-escolar. Tive contacto com materiais, técnicas e histórias que desconhecia e que de certeza que irei utilizar no futuro. Por exemplo, nunca tinha dado aulas de motricidade a crianças com estas idades. No entanto, adorei fazê-lo porque apresentei jogos e atividades que não conhecia e, quando as pus em prática com estas crianças, a reação delas foi muito boa. Consegui, sempre que possível, adaptar as atividades de motricidade ao tema da semana. Por se tornarem assim, atividades diferentes das que elas conheciam, as crianças deliravam ao realizá-las. Adorei as crianças com que trabalhei, bem como a educadora, a auxiliar e o contexto em que estive (tinha

boas condições de trabalho, salas amplas, locais para afixação dos trabalhos das crianças, espaços exteriores de boas dimensões e bem equipados). Todos me trataram bem e foram recetivos às atividades e sugestões, que implementamos/apresentamos. Foram treze semanas de trabalho e diversão que trouxeram muitos benefícios tanto para mim como para as crianças. Um exemplo que destaco, era uma criança que inicialmente tinha dificuldades em manter-se no seu sítio, em realizar as atividades que nós propúnhamos e em manter-se em silêncio quando queríamos realizar as mesmas. Chegava mesmo a levantar-se a meio da atividade e saía da mesa. Quando nós lhe perguntávamos onde é que ela ia, ela dizia que não queria fazer a atividade e cruzava os braços á espera que alguém fosse ter com ela. Claro que nós tentávamos sempre dar-lhe a volta e trazê-la para a atividade, mas nem sempre era fácil. Por um lado não a podíamos deixar de parte e por outro não podíamos deixar a atividade a meio para ir atrás dela, pois assim, as outras crianças começariam a dispersar e seria difícil de voltar a “canalizar” a sua atenção para a atividade.

Mais para o final das nossas implementações, era possível de observar a mudança no comportamento desta criança. Ela já estava habituada à nossa presença, já obedecia ao que nós lhe dizíamos, participava nas atividades de início ao fim, dava-nos mimos e fazia desenhos de nós. Claro que, uma vez ou outra, quando a atividade não lhe interessava muito, ela ainda dizia que não queria fazer a atividade, mas eu dizia para ela vir para a minha beira, que eu a ajudava e ela ficava sossegada a fazer a atividade. Era uma criança que inicialmente, se tornava um pouco difícil de trabalhar, porque nos interrompia muitas vezes, mas mais para o final demonstrou ser uma criança amorosa, trabalhadora e bastante inteligente (contrariando o comportamento inicial que tinha).

Algumas das crianças, chegaram a pedir-nos que repetíssemos algumas das atividades que tínhamos implementado pois tinham gostado muito de as fazer.

Considero que este estágio foi muito positivo, tanto a nível pessoal como a nível educacional e, que esta experiência me marcou para o resto da vida (por ter sido a primeira do género e por ter sido um vasto “mar” de aprendizagens).

Focando-me agora no estágio que realizei na valência do 1º ciclo, saliento desde já as diferenças de espaços físicos que verifiquei na mudança de um contexto para o outro.

Enquanto no pré-escolar a sala tinha um ambiente mais informal e se encontrava dividida por Áreas de Atividade, onde predominava a cor e materiais de diversos fins, no contexto do 1º ciclo predominava um ambiente mais formal, com organização, com estruturas e regras que dominavam este espaço. O facto de as crianças agora sentadas em mesas todas alinhadas ao invés de estarem a brincar ou sentadas numa manta no chão, por si só já é uma diferença enorme.

A turma de alunos que trabalhei no 1º ciclo era bastante coesa, motivada, participativa (às vezes até de mais) e comunicativa. Nesta existia um aluno referenciado com Necessidades Educativas Especiais. No entanto, este aluno estava enturmado na turma e conseguia acompanhar os níveis de aprendizagem dos colegas. Havia 4 alunos que necessitaram de um acompanhamento mais próximo quer da minha parte como da minha colega de estágio, devido a ter ritmos de aprendizagem muito lentos. Dois destes alunos foram transferidos no início do ano letivo de outra escola e os outros dois alunos eram muito lentos a entenderem e a realizarem as tarefas que lhes eram propostas.

Saliento neste estágio a relação que desenvolvi com a professora cooperante. Esta manteve sempre uma relação próxima comigo e com o meu par de estágio, sempre se mostrou muito disponível para se reunir connosco com a finalidade de debatermos ideias para implementações futuras ou então para no final de cada dia de estágio fazer uma reflexão dos nossos pontos fortes, fracos e aspetos que tínhamos de melhorar; sempre que entendia que devia intervir nas nossas explicações ou atividades fazia-o mas de uma forma correta e educada para connosco e sempre sugeriu ideias que, no seu entender, enriqueciam as nossas práticas pedagógicas e sempre colocou ao nosso dispor diversos materiais necessários para as nossas implementações.

Muitas das qualidades que observei nesta professora, quer para comigo e com o meu par de estágio, quer com os seus alunos, espero um dia adquiri-las também na minha profissão. Era uma professora humilde, comunicadora, paciente, inovadora e profissional. Considero que aprendi muito com ela e que, à conta de a observar e a adaptar as sugestões que ela referia, enriqueci a minha prática.

Relativamente à minha prática propriamente dita, gostei do trabalho que desenvolvi com esta turmas pois considero que tanto aprenderam os alunos como aprendi eu.

Tive sempre em linha de conta de, no ato de planificar atividades para apresentar as alunos, de as adequar quer à sua idade, quer ao seu nível de aprendizagem, porque senão em vez de cativar a sua atenção e motivação apenas iria encontrar o seu desinteresse pela mesma.

Outra das preocupações que tive, prendeu-se com o facto de apresentar aos alunos, sempre que possível, atividades lúdicas. Os alunos aderiam mais facilmente às aulas e às atividades quando eu usava materiais ou técnicas diferentes para transmitir os conteúdos ou conhecimentos desejados. Em algumas situações, foi necessário adaptar atividades o até implementar outras que não estavam planificadas para conseguir gerar nos alunos empenho e atenção para o que era suposto fazer.

É importante que o professor, nas suas atividades promova a interdisciplinaridade. Por acreditar nesta ideia e considerar que tem uma relevância acrescida, optei por, nas atividades que foram apresentadas à turma, delinear uma linha de pensamento e um fio condutor que permitisse aos alunos interligar diversos conteúdos, interrelacionando-os e facilitando assim a sua aprendizagem.

Para além da ótima relação que desenvolvi com a professora cooperante, saliento que também o restante pessoal docente não docente se mostrou participativo e recetivo, quer à presença quer às ideias e atividades que as estagiárias implementaram, desenvolvendo assim uma relação muito boa. Todos se mostraram prestáveis fomentando uma relação de cooperação muito importante.

Um dos fatores mais importantes que saliento do estágio do 1º ciclo relaciona-se com a relação família-escola que foi desenvolvido durante este período. Esta turma, antes de eu e a minha colega chegarmos, tinha iniciado um projeto intitulado “**Educar semeando valores**”. O mesmo consistia em que, por mês fosse desenvolvido um trabalho quer em sala de aula quer em casa com a família, que retratasse um valor humano tal como o amor, a solidariedade, o respeito ou a responsabilidade.

Com a continuação deste projeto desenvolvemos com as famílias uma relação próxima que beneficiou o sucesso do mesmo. Por cada valor que trabalhávamos em sala de aula, fazendo uma análise do valor em questão e desenvolvendo um trabalho de análise sobre uma obra do mesmo tema, em casa os alunos em conjunto com os pais tinham que fazer uma reflexão sobre o valor que estávamos a trabalhar. Assim sendo foi criada uma pasta viajante onde eram arquivados os trabalhos elaborados em casa para depois os alunos apresentarem na sala à restante turma. No final de cada mês, com o intuito de os alunos apresentarem aos pais o trabalho que tinham desenvolvido naquele mês, era preparado pela professora cooperante, pelas professoras estagiárias e pelos alunos, uma apresentação de um trabalho às famílias. Durante o tempo de estágio foram trabalhados três valores (respeito, solidariedade e responsabilidade) pelo que foram apresentados às famílias três trabalhos. Os dois primeiros foram apresentados recorrendo a uma peça de teatro para o efeito e o último valor foi apresentado com uma coreografia e letra criadas pelos alunos.

Por isso afirmo que os pais se mostraram confiantes, participativos e interessados no trabalho que nós desenvolvíamos com os alunos, potenciando uma relação boa entre nós e eles.

O trabalho de cooperação que foi desenvolvido entre as estagiárias, a professora cooperante e a escola tornou-se muito benéfico, pois considero que aprendi coisas novas e interessantes com cada uma das partes.

Saliento que o 1º ciclo não estava muito presente nos meus planos do futuro, mas após ter realizado este estágio sinto-me ainda mais indecisa na escolha entre o pré-escolar e o 1º ciclo, pois adorei as duas experiências e aprendi muito com as duas. Tanto os alunos, como a escola e a professora cooperante foram imprescindíveis para a minha aprendizagem, tendo por isso, um feedback bastante positivo no final destas experiências. De uma forma geral, comparando a minha primeira semana de implementação com as últimas posso afirmar que progredi nalgumas dificuldades que senti no início, pelo que foi necessário eu passar por um processo de adaptação.

Fazendo um balanço geral dos estágios considero que foi um processo bastante trabalhoso, prazeroso, divertido e de aprendizagem que muito enriqueceu a minha experiência.

Outro dos fatores que convém mencionar é que as duas instituições por onde passei tinham ótimas estruturas pelo que a minha intervenção e o meu sucesso se devam também, em parte, a este facto.

Acredito que ao longo das duas experiências de estágio proporcionei momentos de criatividade, satisfação, descontração e realização de atividades lúdicas relacionadas com as várias temáticas.

Considero que este ano que passou foi de muito enriquecimento pessoal e profissional.

Afirmo que são muitas as recordações que levarei comigo dos dois estágios por onde passei, tais como os alunos com quem trabalhei e com quem desenvolvi uma relação franca de amizade, a educadora e a professora com as quais trabalhei e muito aprendi, a panóplia de atividades que apresentei e que me foram sugeridas, materiais e técnicas que propus e que atingiram o sucesso, entre outros aspetos.

Referências bibliográficas

- Balça, A. C. P. (2011). Vamos à biblioteca! – O papel da biblioteca escolar na formação de crianças leitoras. In *Nuances: Estudos sobre Educação*, pp. 207- 220. América do Norte.
- Balça, A. C. P., Azevedo, F., Mesquita, A. & Silva, S. R. (2011). *Globalização na Literatura Infantil- vozes, rostos e imagens*. Editora lulu Entreprises. Acedido em 28 de março, 2013, em http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18303/1/Global_Lit_Inf_Text.pdf
- Bernardelli, L. L., & Carvalho, V. M. G. (2011). A importância da literatura infantil. Em Anderson Pazin, *Educação e Pesquisa: a produção do conhecimento e a formação de pesquisadores*, pp. 1-7. São Paulo: Unisaesiano.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Cardoso, G. C. & Pelozo, R. C. B. (2007). A importância da leitura na formação do indivíduo. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, nº09. Ana Corina M. Spada. ISSN: 1678-300x. Acedido em 8 de fevereiro, 2013, de <http://www.revista.inf.br/pedagogia09/pages/artigos/edic09-anov-art03.pdf>
- Cerqueira, A. (2010). Envolvimento da família na promoção da leitura e da literacia. In Lima, J., & Soares, M., *Ozafaxinars*, ISSN: 1645-9180, nº18.
- Cerrilho, P. C. (2006). Literatura Infantil e Mediação Leitora. Em Azevedo, F., *Língua Materna e Literatura Infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico*, (pp. 33-46). Lisboa- Porto: Lidel.

- Coutinho, V., & Azevedo, F. (2007). A importância do ensino básico na criação de hábitos de leitura: o papel da escola. In Azevedo, F. (org.), *Formar leitores das teorias às práticas*, (pp.35-43). Lisboa-Porto: Lidel.
- Couto, J. M. (2006). Vivenciar a língua: a literatura infantil- juvenil e as expressões artísticas. In Azevedo, F., *Língua Materna e Literatura Infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico*,(pp. 245-282). Lisboa- Porto: Lidel.
- Debus, E. S. D. (2006). A leitura literária, escola e biblioteca escolar: inquietações. In F. Azevedo, *Língua Materna e Literatura Infantil: elementos nucleares para professores do ensino básico*, (pp. 325-335). Lisboa- Porto: Lidel.
- Denzin, N. K., Lincoln, Y. S. (2006). *O planeamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Artmed. Porto Alegre.
- Esteves, L. M. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.
- Gonçalves, T. (2007). A importância da biblioteca para a promoção de hábitos de leitura. Pires, M. N. C., *Educare*, nº14. Acedido em 8 de fevereiro, 2013. Recuperado de <http://paginadevida.wordpress.com/2007/09/12/a-importancia-da-biblioteca-para-a-promocao-de-habitos-de-leitura-i/>
- Gonzaga, P. (2011). Acedido em 26 de fevereiro de 2013. Literatura infantil, desenvolvendo a criança para a vida. Recuperado de: <http://www.artigonal.com/educacao-infantil-artigos/literatura-infantil-desenvolvendo-a-crianca-para-a-vida-4656030.html>
- Gomes, J. A. (2007). *Literatura para a infância e a juventude e promoção da leitura*. Gulbenkian Casa da Leitura.

Gouveia, J. M. S. (2009). *Hábitos de leitura em crianças e adolescente- Um estudo de caso*. Porto: Universidade Portucalense.

Magalhães, A. M., & Alçada, I. (1993). *Os jovens e a leitura nas vésperas do século XXI*. Caminho.

Martins, M. A. (1994). *Pré-história da aprendizagem da leitura*. Lisboa: ISPA.

Martins, M. (1996). O Papel do livro na formação intelectual da criança: a importância do livro antes de ler. In *Saber (e) Educar*, pp.59-61, Porto: ESE de Paula Frassinetti.

Martins, M. E. O., & Sá, C. M. B. F. (2008). *Ser leitor no século XXI – Importância da compreensão na leitura para o exercício pleno de uma cidadania responsável e activa*. Gulbenkian Casa da Leitura.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME – DEB.

Ministério da Educação (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. ME - DGIDC.

Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares de Português-Ensino Básico 1º, 2º e 3º Ciclos*. ME - DGIDC.

Ministério da Educação. (n.d). *Guia de Atividades para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: ME- DGEBS.

Oliveira, M. (2008). Acedido em 25 de fevereiro de 2013. A importância das habilidades para a compreensão leitora. Recuperado de: <http://www.webartigos.com/artigos/a-importancia-das-habilidades-para-a-compreensao-leitora/7440/>

Ponte, J.; Serrazina, L.; Guimarães, H.; Breda, A.; Guimarães, F.; Sousa, H.; Menezes, L.; Martins, M.; Oliveira, P. (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ribeiro, A. T. & Castro, E. M. (2012). *Leitura prazer: garantia da aprendizagem na alfabetização*. Revista Lentes Pedagógicas, vol. 2, nº1. Acedido em 6 de abril de 2013, em <http://200.233.146.122:81/revistadigital/index.php/lentespedagogicas/article/view/455/401>

Rigolet, S. A. (2009). *Ler livros e contar histórias com as crianças: como formar leitores ativos e envolvidos*. Porto: Porto editora.

Sabino, M. M. C. (2008). Importância educacional da leitura e estratégias para a sua promoção. *Revista Iberoamericana de Educación*, ISSN: 1681-5653, nº45/5. Acedido em 15 de fevereiro, 2013, em <http://www.rieoei.org/jano/2398Sabino.pdf>

Santos, C. M., Silva V.M., & Chiaro, S.(s.d). *O trabalho com a literatura infantil: um estudo de caso em duas pré-escolas da rede municipal do Recife*. Centro de educação-UFPE.

Sequeira, M. F. (2002). *A literacia em leitura*. Revista Portuguesa de educação. Acedido em 10 de abril de 2013, em <http://respositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/661>

Silva, L. S. (2009). *A importância da literatura infantil no desenvolvimento de crianças com 4 anos*. LINS- São Paulo.

Silva, A., & Soares, J. M. (2010). *Fazer livros na biblioteca da escola: melhor escrever e desenhar para melhor ler*. Gulbenkian Casa da Leitura.

Sim-Sim, I. (2002). *Formar leitores: a inversão do círculo*. Gulbenkian Casa da Leitura.

Simões, P. (2012). *O papel da biblioteca escolar*. In Simões, P. , *Abcriança – revista online para pais e educadores*. Acedido em 15 de fevereiro, 2013 em <http://www.abcrianca.com/13/post/2012/07/o-papel-da-biblioteca-escolar.html>

Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Souza, R. J. (2003). A importância da leitura e da literatura infantil. *Revista Comunicação e Cultura, Paulus*. Acedido em 8 de fevereiro, 2013, em <http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=24>

Torres, G. (2011). Acedido em 26 de fevereiro de 2013. Qual a importância da leitura infantil para o desenvolvimento da criança. Recuperado de: <http://espaconovomundo.com.br/blog/2011/07/20/qual-a-importancia-da-leitura-infantil-para-o-desenvolvimento-da-crianca/>

ANEXOS

ANEXO I

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO AOS ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

ANEXO II

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 22 DE OUTUBRO DE 2012

ANEXO III

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 14 DE NOVEMBRO DE 2012

ANEXO IV

PLANIFICAÇÃO DA SEMANA DE 3 DE DEZEMBRO DE 2012

ANEXO V
TESTE PILOTO

ANEXO VI
INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

ANEXO VII

**FOTOS DAS ILUSTRAÇÕES DO LIVRO “NINGUÉM DA
PRENDAS AO PAI NATAL”**

ANEXO VIII

FOLHA DE REGITO DO PARÁGRAFO DA HISTÓRIA

ANEXO IX

FOLHA DE REGISTO DA RESPOSTA DA ÚLTIMA QUESTÃO DO LIVRO “A MENINA DO CAPUCHINHO VERMELHO NO SÉCULO XXI”

ANEXO X

REGRAS DO JOGO “PEDDY PAPER DAS HISTÓRIAS

ANEXO XI

TRECHOS DA HISTÓRIA “O PEQUENO ALFAIATE”

ANEXO XII

FOLHA DE REGISTO DOS TRECHOS QUE OS ALUMOS

CRIARAM

ANEXO XIII
FOLHA DE APRECIÇÃO GLOBAL DAS ATIVIDADES
DESENVOLVIDAS
